

TRAPO

em dois atos

do romance de Cristovão Tezza

adaptado pelo autor

Peça encenada no Teatro Guaíra, em Curitiba, em setembro de 1992, com direção de Ariel Coelho, e com Marcos Winter (Trapó), Cláudio Mamberti (Professor Manuel) e Imara Reis (Izolda) nos papéis principais.

PERSONAGENS

Trapó

Professor Manuel

Izolda

Hélio

Leninha

Dulce

Rosana

Suzana

Luci

Fernando, pai de Trapó

Mãe do professor

CENÁRIO

O único cenário fixo da peça é a sala do professor Manuel. É a sala de um homem próximo aos 60 anos de idade, viúvo, sem filhos. Móveis antigos: mesa, cristaleira, cômoda, sofás, mesinhas, uma televisão sobre uma velha arca, tudo indica o espaço de um velho cansado e que permaneceu silenciosamente o mesmo através dos anos. Leva uma vida "abstrata", mental - assim é visível um certo relaxo, uma certa indiferença com o espaço físico, que não chega entretanto à anarquia (o que perturbaria seu silêncio e suas pequenas manias). Numa parede, a foto oval, de moldura dourada, de uma moça dos anos 40 - é Matilde, sua primeira e única mulher.

Ao fundo, uma abertura deixa visível parte da cozinha. À esquerda, duas portas, uma que abre para a rua e outra para o quarto do professor. O cenário que aqui se sugere dá a marca naturalista das cenas caseiras do professor Manuel, que são o eixo da peça, em contraste com as cenas livres do Trapó. O palco abrirá espaço para outros cenários, onde se desenrolam as cenas do Trapó (cartas) e as cenas externas do professor.

PRIMEIRO ATO

Cena 1

TRAPO - Tentei de novo falar com você esta madrugada, mas o quintal estava povoado de lobos ganindo contra minha sombra. As feras da tua família são estúpidas o tempo todo. Vou matar todos aqueles bichos, aquelas cadelas negras, apesar da admiração que nutro pelas bestas puras. É um cerco medieval, minha musa de castelo. E como de tudo faço literatura, graças à fidelidade com que desprezo a vida e conforme minha incapacidade aberrativa de viver, acabei achando bonito aquele espetáculo de urros e pulos, de dentes e unhas na escuridão da casa, tudo para preservar a imaculada jovialidade dos teus dezesseis anos. Reconheço: o teu pai, esse monstro de asas de morcego e orelhas de burro, é mesmo um homem sutil, joga com as minhas armas, e mal sabe.

E como, para completar, havia lua cheia - das derramadas - sentei no meio-fio e puxei dois charutos de maconha, com os cães latindo atrás de mim num furor melancólico.

Cena 2

Oito horas da noite. O professor Manuel assiste ao Jornal Nacional, depois de ajeitar a antena para melhorar a imagem. Já está de chinelos e pijamas. Batem à porta. Surpreso pela novidade, e um tantinho irritado, fica paralisado, sem saber o que fazer. Batem de novo. Antes de abrir a porta, ele confere os botões da camisa e ajeita-se uma última vez.

Abre a porta e vê Izolda, uma mulher ansiosa, que lhe parece vulgar, de cabelos pintados, calças apertadas no traseiro. Ele sente repulsa pela figura (uma prostituta?) e tenta disfarçar o sentimento.

IZOLDA - Me disseram que o senhor é professor! (*Empurra com os pés dois pacotes grandes amarrados com barbante para dentro da sala, para desespero de Manuel*).

MANUEL - (*Recuando*) Como? (*Apontando os pacotes*) O que é isso!?

IZOLDA - (*Grita*) Me disseram que o senhor é professor!

MANUEL - Eu fui professor.

IZOLDA - Ah, dá no mesmo. *(Joga os pacotes aos pés do professor)* Isso é pro senhor.

MANUEL - Para mim?!

IZOLDA - *(Passa um lenço no rosto suado)* Ai, como pesam!

MANUEL - A senhora...

IZOLDA - Senhorita!

MANUEL - *(Desconcertado. Os estímulos são muitos e o professor não sabe o que fazer)* Perdão. Os pacotes... ahn... a senhorita não quer entrar um momentinho?

IZOLDA - *(Aceita imediatamente o convite, empurrando ainda mais adiante os pacotes com os pés)* Estou exausta. Um cafezinho eu aceito. *(Para espanto - e desagrado, quase pânico - do professor, Izolda escarrapachou-se no sofá, olhando com voracidade para tudo. Manuel fecha a porta.)* O senhor mora sozinho?

MANUEL - É... eu...

IZOLDA - Estou esperando o cafezinho, professor! *(E ela ri com gosto, divertindo-se com a timidez do velho)*

MANUEL - *(Tentando esboçar uma reação)* Não sei se ainda está quente.

IZOLDA - Eu faço outro. O senhor dá licença? *(E levanta-se, decidida, já assumindo claramente o comando, para crescente desespero do professor)* A cozinha é ali? *(De passagem, passa o dedo na cristaleira, confere o pó e mostra a prova da sujeira a ele)* Falta mulher nessa casa.

MANUEL - *(A indignação se mistura ao espanto, mas ele não tem forças para reagir. Olha, súplice, para a fotografia de Matilde na parede. Gagueja)* Ahn... a moça da limpeza não veio essa semana.

IZOLDA - Desculpe, professor, mas deve ser uma porca. É sujeira de dois anos, tem quilos de poeira aqui. Está se aproveitando do senhor. *(Avança para a cozinha, descobre a água na chaleira)* Mas essa água está quentíssima!

MANUEL - *(Como quem se desculpa)* É que eu tinha acabado de fazer um chazinho. *(Frisando bem)* Eu prefiro chá a café.

IZOLDA - *(Acendendo a boca do fogão)* Um chazinho é muito bom de vez em quando, mas café é muito melhor! O senhor paga quanto?

MANUEL - Como?

IZOLDA - Pra moça. Pra diarista.

MANUEL - É... *(É um absurdo ter de responder, mas ele acaba obedecendo)* ... Cinco mil cruzeiros.

IZOLDA - *(Remexendo nas prateleiras)*. Cinco mil?! É muito. Cadê o pó, professor?

MANUEL - Pó?

IZOLDA - De café. O seu café deve estar frio e ralo. Eu faço outro, num instantinho, e daí a gente conversa. *(Abrindo uma lata)* Ah, está aqui. E essa louça, ninguém lava?

MANUEL - *(A fúria é incapaz de explodir)* Eu... costume lavar de manhã.

IZOLDA - O senhor parece criança! Isso aí fica assim, assim de barata!

MANUEL - Bem, eu ponho veneno e... (*Ouve-se um estrondo*)

IZOLDA - Que barulho é esse?!

MANUEL - (*Vai à janelinha, conformado*) Lixo dos prédios.

IZOLDA - (*Pondo o avental e lavando a louça*) Que horror! E o senhor não reclama?

MANUEL - É inútil. Pior quando acertam o telhado.

IZOLDA - O senhor não está mais em idade de agüentar desaforo.

MANUEL - Não é desaforo. É o jeito de eles viverem e eu não estou mais em idade de consertar o mundo.

IZOLDA - (*Mãos ensaboadas na louça*) O senhor é mesmo um professor. Só pelo jeitão a gente vê. O senhor merece uma arrumadeira melhor. Cinco mil cruzeiros, que absurdo! Infelizmente não trabalho como arrumadeira, senão viria lhe ajudar.

MANUEL - (*Num ímpeto de raiva, de que se arrepende em seguida*) Mas quem disse que eu... eu... bem, eu vou pouco à sala. Meu mundo é o sótão, o meu quarto e escritório. Lá eu mesmo arrumo e limpo tudo.

IZOLDA - (*Indignada*) Cinco mil cruzeiros só para limpar a sala e a cozinha?!

MANUEL - E o banheiro, que não é pequeno... e...

IZOLDA - (*Volta à louça*) Que absurdo. Que horror. O senhor é viúvo, por acaso? Tomar café sem pires deixa viúvo.

MANUEL - Eu sou viúvo!

IZOLDA - Ah, bom. (*Continua remexendo na louça*) Cá entre nós, professor, já era hora de trocar de louça. Tudo lascado. Essas empregadas lavam louça como se fossem pregos. Se a gente fala em descontar do ordenado, têm ataques.

MANUEL - Mas eu mesmo lavo minha louça. A arrumadeira vem uma vez por semana, às terças.

IZOLDA - (*Rindo*) Pelo que vejo, o senhor não lava louça. Bem, homem não foi feito pra isso. É o que eu digo, falta mulher nessa casa.

MANUEL - (*Mais uma tentativa, severa, de colocar as coisas no lugar. Dedo em riste.*) Dona...

IZOLDA - Meu nome é Izolda. Izolda Petroski. Quer dizer, era pra ser dos Santos Ferreira, mas o meu ex-marido é um cachorro. Dei-lhe um pontapé na bunda e estou muito bem. Graças a Deus.

MANUEL - (*Profundamente desconfortável com o linguajar de Izolda*) Dona Izolda, eu não quero ser impertinente, mas...

IZOLDA - Impertinente, o senhor? Que coisa! O senhor é uma pessoa fina, uma ds pessoas mais bem educadas que eu já vi. Eu estava até nervosa, achei que o encontro ia ser mais difícil. Ah, se todo mundo que eu conheço fosse assim. Que beleza. Bem, vamos ver o que falta... (*Monologando, Izolda confere café, xícara, pires, dispondo-os na mesinha da cozinha, sob o olhar absolutamente estarecido do professor diante daquela presença dominadora*) Pronto, professor! O senhor quer muito ou pouco de açúcar? Olha aí: a sua empregada costuma tirar açúcar com a mesma colherzinha com que mexe o café.

Fica tudo empelotado, junta mosca. É o que eu digo.

MANUEL - Eu que uso a mesma colher, dona Petroski.

IZOLDA - Claro, o senhor vive sozinho, na solidão a gente acaba não dando bola pra mais nada. Falta alguém pra dar o exemplo. *(Dá um gole estereofônico na xícara de café e se abre num sorriso:)* Humm... modéstia à parte, professor, eu sei fazer um cafezinho. O senhor não vai experimentar? Falar nisso, o pó está no fim. A arrumadeira não lhe avisou?

MANUEL - Eu esqueci de comprar outro pacote. Além do mais, não pago a Maria para me avisar dessas coisas...

IZOLDA - *(sorriso maroto)* Maria?! Hum...*(percebendo num segundo que a sugestão talvez tenha sido excessiva - o professor está visivelmente furioso - muda instantânea o tom de voz. Séria:)* Bom, como ela não faz nem uma coisa nem outra, o senhor está jogando seu dinheiro fora. *(Acende um cigarro e dá uma tragada devastadora)* Vai um cigarro? *(Joga a carteira na mesa)* Pega aí.

MANUEL - Dona Izolda, eu não fumo há exatamente vinte e um anos!

IZOLDA - *(Gargalhada - ela se engasga no riso e na fumaça)* O senhor é demais, professor! É o tipo de pessoa que ficaria vinte e um anos sem fumar!

MANUEL - A senhorita...

IZOLDA - Izolda. Me chame de Izolda. Lá na pensão é só Izolda pra cá, Izolda pra lá. Não sei o que fariam sem mim.

MANUEL - Izolda, eu não pretendo voltar a fumar. Sou o tipo de pessoa que não fuma, simplesmente.

IZOLDA - *(Sorrindo, ela parece estar comovida com aquela figura tímida. Com carinho verdadeiro:)* Quando o senhor abriu a porta, eu pensei: eis aí uma pessoa dessas que não existem mais, que vale a pena a gente conversar. E não foi preciso o senhor abrir a boca. É que eu tenho uma intuição danada. O senhor não vai tomar café? Vai esfriar. *(Manuel reluta, tentando sustentar a raiva, emburrado. De má vontade, dá um gole.)* Não está bom?

MANUEL - *(Não quer confessar que o café, realmente, está bom, mas acaba concedendo:)* Bom.

IZOLDA - É o que eu digo, eu sei fazer café.

MANUEL - *(resmungando)* Tomar café essa hora vai me deixar com insônia. Vou acabar dormindo de madrugada. E amanhã vou levantar às dez. E vou levar uma semana para organizar de novo meu horário! *(Ela não ouve. Ficam um tempo em silêncio, quebrado subitamente por Izolda.)*

IZOLDA - Mas o senhor deve estar mesmo espantado com a minha cara de pau! Venho aqui trazer a papelada, vou entrando, me meto na sua vida, faço café, na maior sem-cerimônia, como se a sua casa fosse um quarto da minha pensão. Meu Deus, e nem perguntei seu nome!

MANUEL - Manuel. *(Acréscena, com dignidade:)* Professor Manuel.

IZOLDA - Eu sou é bem louca, professor. Vou fazendo as coisas e só depois é que percebo.

MANUEL - *(Ainda a contragosto, simula gentileza:)* Fique à vontade, dona... Izolda. A propósito...

IZOLDA - O senhor deve estar morrendo de curiosidade, imagino. Nem sempre falo tanto assim, é que estou nervosíssima. O senhor desculpe. *(Levanta-se)* Mas vamos lá na sala, é mais confortável.

MANUEL - Sem dúvida...

IZOLDA - Detesto falar a sério na cozinha. Cozinha é lugar de conversa fiada. *(Acomodados no sofá da sala, ela põe a mão de unhas pintadas no joelho do professor, que se encolhe.)* Nem queira saber, professor. Aconteceu uma tragédia.

Cena 3

TRAPO - Rosa-rasante: ontem passei uma noite incrível de fossa e de êxtase, o que dá no mesmo, porque o fracasso me fascina. Fui à Agência peguei uma grana, paguei a pensão da Izolda e escrevi uma carta pro meu pai que não sei se vou botar no correio. Já me encheu o saco encher o saco dele nesse ritual masoquista de eu não valho nada mas é porque você é um filho da puta.

E daí fui à Bodega, Rosálida, meus peitinhos suaves. Fui à Bodega pra esquecer essa merda toda, mas é inútil. Lá estavam todos os caras de todo dia, um amontoado de projetos tão imensos que eu não sei como cabem em volta da mesa. A vantagem dessa geração de deuses é que são divindades rotas que não acreditam mais em nada. Mas se ofendem, se massacram, se beijam, patéticos. Que maravilha, porra, eu não troco esse universo oco por coisa alguma, já que não conheço o resto, e o resto que conheço é pior. A família, por exemplo. De quem eu gosto mesmo é do Heliosfante, um monstro cego de um olho, uma tromba simpática, mãos que não cabem na gaveta e que desenham coisas líricas, belíssimas, uma vontade de paraíso que me comove.

E tem os chatos de violão, tocando aquelas merdas piegas da geração 68, quando eu tinha nove anos de idade e eles menos ainda, quando os poetas daquele tempo resolveram sair por aí pra construir o céu por conta própria e se foderam de verde e amarelo e hoje são todos industriais, militantes do PC do B, funcionários do governo, advogados em ascensão, comerciantes, deputados, sem falar nos que morreram pendurados e nos que ficaram loucos. Aí os cantores vão ficando bêbados e tomando conta da Bodega e batem os copos na mesa e dão risadas, porra, fazem uma festa! E eu fico feito um idiota, articulando o plano geral das minhas obras completas, que ainda não decidi se serão em prosa ou verso, se opto pelos contos do Rubem Fonseca, pelos romances do Proust, pelos relatos do Borges, pela poética do Drummond, caralho, uma dúvida atroz, preferia ter vivido na Grécia, quando o modelo era um só.

Daí apareceu a Dulce, você veja, minha musa, que nome mais lindo, Dulce dulcíssima...

Cena 4

MANUEL - Tragédia?

IZOLDA - Fazem três semanas.

MANUEL – (Corrigindo, com um toque vingativo) *Faz três semanas.*

IZOLDA - (*Pensando longe*) Três semanas... (*Conta nos dedos*) Segunda, domingo, sábado... foi num domingo, de manhã. Mas só descobri à tarde. (Súbita) Você não quer outro café? (*Antes que ele responda, ela se levanta e vai à cozinha*)

MANUEL - Não! (*Resmunga irritado, enquanto seu olhar acompanha os passos de Izolda*) Outro café e enterro minha noite. Não vou dormir nunca mais na vida! (*O professor está indócil - quer se livrar daquela mulher mas se sente impotente. Começa a respirar fundo, como quem acumula raiva para explodir. Em pé, mantendo uma rigidez meio infantil de quem é incapaz de agressividade, aguarda a volta de Izolda, para lhe dizer umas poucas e boas. Quando ela reaparece, em meio à fumaceira do cigarro, com a xicrinha de café à mão, ele dá de dedo*)
Dona Izolda, eu...

IZOLDA - (*que continua pensando longe*) Domingo de manhã ele deu um tiro na cabeça.

MANUEL - (*Desmontado*) O seu marido?!

IZOLDA - O Ferreira? (*Uma gargalhada demolidora*) O Ferreira, dar um tiro na cabeça!? O senhor é mesmo um homem puro, seu Manuel. Aquele traste não tem coragem nem de passar mertiolate no dedo. Ah, se eu tivesse essa sorte! Também, tanto faz - depois que botei ele no olho da rua nunca mais teve a cara de pau de me incomodar. (*Desconfia, num instante de silêncio, de que talvez estivesse sendo agressiva demais com o coitado do professor Manuel.*) O senhor me desculpe, seu Manuel. Estou... meio pirada. Muito nervosa. Não sei me explicar direito. O senhor me desculpe. (*Enxuga os olhos lacrimosos, talvez pela fumaça do cigarro, talvez por um começo de choro - de qualquer forma, o efeito no professor é imediato. Ele estende a mão, mas recua, temendo tocá-la.*)

MANUEL - A senhora... você está bem?

IZOLDA - Foi o menino que se matou.

MANUEL - Desculpe... eu... seu filho?

IZOLDA - Eu não tenho filho. (*Mergulha na memória*) Vinte e um anos, ou vinte. O Trapo.

MANUEL - Trapo?

IZOLDA - Apelido dele. O nome era Paulo, que não diz nada, como ele mesmo explicava. "Além disso, dona Izolda, foi meu pai que me deu o

nome de Paulo. Logo, não vale nada. Sou Trapo".

MANUEL - *(crescentemente incomodado, beira a irritação - ele não quer se envolver com nada daquela história)* E essa papelada?

IZOLDA - Calma, seu Manuel. Já chego lá. Primeiro o senhor tem que saber a história. Daí, quem sabe, o senhor me entenda. *(Sem pressa, acende outro cigarro, dedos trêmulos, à beira do choro.)*

MANUEL - *(Não sabe o que dizer ou fazer.)* Eu... vou tomar um café.

Cena 5

(Toda a cena em penumbra, perfis, claros e escuros, um pesadelo de um Trapo drogado - mas Dulce é uma adolescente que representa num registro "realista". Ao mesmo tempo em que Trapo contracena com Dulce, escreve sua carta à Rosana)

TRAPO - Dulce, dulcíssima... a Dulce é uma anjinha cega, Rosana, que apareceu sem aviso...

DULCE - Só dois beijinhos? Três, pra casar...

TRAPO - Quanta pureza, Rosana! Vade retro, Satanás!

DULCE - *(Ri deliciosamente)* Você é louco, Trapo... *(Segura as mãos dele, olha nos olhos, percebe que ele estava escrevendo alguma coisa)* O que você está escrevendo? *(Tenta arrancar o papel das mãos dele)*

TRAPO - Uma carta de amor. *(Lê para Rosana, o que Dulce não ouve)* Ela perguntou o que eu estava escrevendo e eu disse umas cartas de amor e ela ficou perdida, não sabia se eu estava brincando ou não... que pobreza de imaginação, vou começar a dar o rabo, Rosana, precisamos romper todos os condicionamentos para entrar de cabeça em 1980, eu arranjo um namorado, você uma namorada, depois nos juntamos e trocamos experiências, escreveremos uma obra a dois...

DULCE - É mesmo? Uma carta de amor?

TRAPO - ...e nos beijaremos ao lado de uma cascata branca cheia de pedras limpas sem aqueles horrorosos CASAS PERNAMBUCANAS pintados a cal e então tiraremos...

DULCE - O quê?

TRAPO - A calcinha você, a cueca eu, e nos contemplaremos, anjos puríssimos... *(À Rosana)*

DULCE - Você ainda não me disse pra quem são as cartas de amor.

TRAPO - Pra ninguém, mas tem muito de você...

DULCE - Ah... fale...

TRAPO - Assim você rompe o mistério... *(O diálogo prossegue em meio ao tesão de toques, beijos e abraços - mas é fundamental que a excitação cresça lado a lado com a angústia mútua, visível)*

DULCE - Meu pai é jóia, nunca me incomodou. Você precisa cortar o cabelo, você fica tão...

TRAPO - É só eu lavar de vez em quando... mas não tenho dinheiro pro xampu...

DULCE - Eu te arranjo um, muito bom...

TRAPO - Eu sei onde tem um motel genial... a gente precisa se conhecer melhor...

DULCE - Eu quero mas não quero ir e eu vou indo sem querer...

TRAPO - É sempre assim a vida toda, teu coração dispara de medo... (*à Rosana*) Mas não chega à carne do teu, minha adorada Rosana Roseira que espeta a alma...

DULCE - E se meu pai descobrir?

TRAPO - Teu pai é jóia, nunca te incomodou, as palavras não mentem.

DULCE - É verdade, mas...

TRAPO - Aqui estamos, na cama.

(Dulce tira a túnica branca e fica nua, enquanto Trapo vai desaparecendo na sombra. Dulce, sentada à cama, olha à frente, mãos caídas, cruzadas sobre o sexo – algo que lembrasse o quadro "Puberdade", de Munch.)

Cena 6

IZOLDA - Podem falar o que quiserem - e falaram: que era maconheiro, ladrão, marginal, vagabundo, traficante, o diabo. Mas o Trapo era um menino muito querido.

MANUEL - Eu acredito, dona Izolda.

IZOLDA - Me chame de Izolda, não sou tão velha assim.

MANUEL - Perdão, eu... (*Vê Izolda acender outro cigarro e continua sem força para esclarecer o que ela faz ali*) Mas a senhora...

IZOLDA - Seu Manuel, que coisa! Me chame de você!

MANUEL - Desculpe. Izolda, você não explicou ainda...

IZOLDA - ... o que estou fazendo aqui, não é isso?

MANUEL - (*Desconcertado*) Não, por favor...

IZOLDA - É isso, sim. Não minta, seu Manuel! (*Arrependida, põe a mão no joelho dele, o que o perturba mais ainda*) Desculpe. Professor, eu estou tensa, preciso descarregar. Um menino de vinte anos, uma simpatia, farrista, fino, educado, incapaz de uma maldade, de repente você abre a porta do quarto e vê ele morto, ensangüentado, com um revólver na mão, meu Deus! Eu não acredito! Dois anos morando comigo, era como um filho!

MANUEL - Deve ser difícil.

IZOLDA - Nem queira saber. E a Polícia, então, depois?! Os cavalos chegam fuçando tudo, fotografam o corpo, perícia, e se sai minha pensão na primeira página da Tribuna? Vou eu responder inquérito, explicar o que não sei?!

MANUEL - Você que ouviu o tiro?

IZOLDA - Que tiro? Ninguém ouviu nada. Tinha silenciador no revólver. Fui abrir a porta cinco horas da tarde, pra trocar roupa de cama.

MANUEL - (*começando a se interessar, ainda com um pé atrás*) Mas não havia nada que sugerisse a possibilidade de suicídio?

IZOLDA - Absolutamente nada! Pelo menos que eu notasse. O que a gente precisava era de um detetive, isso sim.

MANUEL - (*Sobressaltado*) A "gente"? Olha, dona Izolda, acho melhor não se meter nisso aí. A família dele que cuide.

IZOLDA - Família é uma merda. Desculpe, professor. Eu estou nervosa. (*Manuel sorri pela primeira vez. Apalpa os bolsos, buscando o cigarro de 21 anos atrás*) Quer cigarro, professor? (*Ele se encolhe envergonhado, fingindo coceira*)

MANUEL - Não, eu... O que ele fazia na vida?

IZOLDA - Propaganda. Quer dizer, ele escrevia coisas de propaganda. Uma vez a gente estava na sala vendo televisão e ele parou. Era uma propaganda linda de uma loja que vende diamante, ouro, uma joalheria, não sei se o senhor já viu...

MANUEL - Eu só vejo jornal!

IZOLDA - Pois é. Daí ele falou: "Eu que escrevi isso aí, Izolda". Veja só, às vezes ele me chamava de Izolda, sem o "dona". Um amor de menino. No meio daqueles grossos o Trapo era um príncipe. Agora, farrista ele era. Todo dia chegava de madrugada e dormia até a hora do almoço. Não comia nada de nada.

MANUEL - Era magro?

IZOLDA - Magríssimo. Um palito. Com aquele cabelão, então, um cabo de vassoura. Eu não gostava. Vivia dizendo pra ele: corta esse cabelo, Trapo, coisa mais feia! Pelo menos penteasse! E ele ria: "Trapo é trapo, dona Izolda!" Aliás, ele era muito esculhambado. Meu Deus, dava pena!

MANUEL - (*Talvez enciumado por aquele amor pelo Trapo*) Curioso, Izolda. Pela descrição, esse tal de Trapo - aliás, cá entre nós, um guri revoltadinho, o estereótipo do eterno adolescente com medo de crescer, conheço pilhas deles - esse tal de Trapo não tinha nada de suicida.

IZOLDA - (*Surpresa*) O senhor pode até falar difícil, mas que ele se matou, se matou. Ou o senhor acha que eu estou mentindo?

MANUEL - (*Contemporizando*) Não, não, por favor. Só o que eu quero dizer é que o temperamento dele, alegre, expansivo, farrista, é justo o contrário do que se esperaria de um suicida.

IZOLDA - Isso é verdade. Por isso que eu digo: tem coisa aí!

MANUEL - Não, não, não foi isso que eu quis dizer. Você não entendeu. Por exemplo: você se mataria?

IZOLDA - Nunca! Prefiro morrer a me matar!

MANUEL - (*Rindo, um pouco mais solto*) Pois é, isso que eu quis dizer. Você fez Trapo muito parecido com você mesma, pelo que ouvi. Como você disse, uma espécie de filho, e de certo modo as mães são muito

parecidas com os filhos.

IZOLDA - É mesmo, não pensei nisso. Mas o Trapo não era só assim. Tinha períodos de depressão também.

MANUEL - (*Vitorioso*) Não falei? Completa o quadro do adolescente em revolta. (*Irritação crescente*) E aposto que era poeta, não?

IZOLDA - Como o senhor sabe?!

MANUEL - Ora, pelo quadro.

IZOLDA - (*olhando as paredes*) Que quadro?

MANUEL - A descrição, a descrição que você fez.

IZOLDA - Ah... (*Enquanto acende um cigarro, Manuel, num estalo, relaciona os pacotes com a obra de Trapo*)

MANUEL - Então... (*aponta em pânico os pacotes*) Acho que vou tomar um café.

IZOLDA - Deixe que eu lhe sirvo, professor. Agora, a verdade seja dita, era um menino inteligentíssimo. Passava o dia lendo. Gastava todo o dinheiro dele em livro. Era livro por tudo quanto é canto, não tinha mais onde botar, debaixo da cama, da mesa, na prateleira, na cadeira, na gaveta da cômoda, no chão, um em cima do outro. Duas obsessões: ler e escrever.

MANUEL - Ele também escrevia muito, é?

Cena 7

TRAPO - Minha adoradíssima Rosana Vagalume da Paixão do Trapo, tenho tanta coisa pra te escrever que não sei por onde começar. Você pede mais histórias da Dulce, porra, que se foda a Dulce dulcíssima triste-de-cama. Passou. Rosinha, tu estás sendo traída pelos teus encantatórios dezesseis anos, reconheço, é uma puta idade pruma cabeça aprumada como esta porcelana chinesa que tão graciosamente equilibras sobre o aveludado pescoço. Mas a Dulce é agitação de superfície - e nós temos que fechar os olhos ao redemoinho que parece que é tudo e não é nada, e fincar estacas de drácula no coração da vida, porque é no osso que está o saci-pererê. Sacou?

Cena 8

IZOLDA - Se escrevia muito? O dia inteiro! Um gênio!

MANUEL - Mas ele costumava dormir até meio-dia.

IZOLDA - É verdade, seu Manuel.

MANUEL - E, de tarde, ia trabalhar com propaganda?

IZOLDA - (*desconfiada com as perguntas*) É...

MANUEL - E de noite ia pra farra?

IZOLDA - Bem, quase toda noite.

MANUEL - E chegava bêbado, é claro.

IZOLDA - Às vezes, mas...

MANUEL - E dormia até...

IZOLDA - *(desarma o professor com uma risada)* Logo se vê que o senhor é professor! Eta homenzinho inteligente... vai fazendo pergunta como quem não quer nada e desmontando a gente. Credo, só não queria ser seu aluno. Mas eu explico tudo direitinho. Se entendi bem, ou o senhor está me chamando de mentirosa ou dizendo que o Trapo era um vagabundo? Nem adianta disfarçar agora!

MANUEL - *(Secretamente satisfeito)* Ora, que é isso, Izolda. Eu só queria saber a que horas ele lia e escrevia tanto!

IZOLDA - *(Irritada)* Ah, é? *(Puxa pelo braço o professor, que tropeça, e aponta os pacotes)* Tá vendo isso aí, seu Manuel? Pois tudo isso aí foi o Trapo que escreveu, durante os dois anos que morou comigo na pensão; quer dizer, um menino com menos de vinte anos! E os livros que ele leu eu vi com os meus próprios olhos, que mal dava pra entrar no quarto dele de tanto volume! E ele morreu, pra seu governo, com a cabeça em cima de uma pilha de livros, como travesseiro, o sangue cobrindo tudo, meu Deus, não posso me lembrar da hora que abri aquela porta... eu não posso... nem pensar que...

MANUEL - Por favor, Izolda... eu não tive a intenção de...

IZOLDA - *(mais calma; pausa)* E se matou!

MANUEL - Ele tinha namorada? Pode ter sido desilusão do amor. Um suicídio meio fora de moda, mas para uma sensibilidade delicada, num momento de crise, pode ser fatal.

IZOLDA - Namorada? Tinha sim. Uma tal de Rosana. Sabe que é capaz de você ter razão, Manuel? Nos últimos meses ele andava mesmo meio baratinado por ela.

MANUEL - Baratinado?

IZOLDA - É, mas do jeito dele, muito leve. "Izolda, conheci um tesão de menina!" *(Risada, que perturba Manuel)* O senhor desculpe, professor. Ele era assim: em cada dez palavras, nove palavrões. Só que, na boca dele, não parecia palavrão, ele não era agressivo. Falava rindo. *(Percebendo o mal-estar do professor, põe a mão no joelho dele)* Por favor, professor. Não leve a sério o que ele dizia. É que essa gurizada é diferente de nós. O senhor não pode julgar o Trapo por essas coisinhas.

MANUEL - Não estou nem julgando, eu...

IZOLDA - *(Nem ouve)* Mas será?!... ele se matar por uma menina? Pra mim, era mais fácil uma mulher se matar por ele. Ele tinha magnetismo, Manuel! Mas o Trapo andava mesmo apaixonado, escreveu uma porrada de cartas pra ela.

MANUEL - Cartas? Ué! Então essa Rosana não morava em Curitiba?

TRAPO - Ah, Manuel, essa juventude é toda meia louca! Que eu sei, ela morava aqui. No último mês ele escrevia quase que uma carta por dia. Eu ia limpar o quarto e via envelopes na escrivaninha. Mas não tinha

endereço nem nada, só uns nomes engraçados que eu não me lembro... Um eu me lembro: Minha Rosana Roseira. Devia de ser o sobrenome dela.

MANUEL - E ele levava essa... essa Rosana à pensão muito freqüentemente?

IZOLDA - Como? (*Indignação*) Jamais, professor, jamais! Se há uma coisa que eu não admito em hipótese alguma é levarem mulher na pensão. Vai pra rua na hora! Porque daí pra virar bordel - o senhor me desculpe, mas é isso mesmo, pra virar putaria é um pulo.

MANUEL - (*Querendo mudar de assunto*) Mas você chegou a conhecer a tal Rosana?

IZOLDA - Pois nunca que eu vi essa Rosana. Mas me preocupei com aquela paixão do Trapo. E tem mais, professor: era de menor.

MANUEL - O Trapo?

IZOLDA - Não, a Rosana. Comecei a me preocupar: todo santo dia o menino falando da moça, parecia criança. Só pra me provocar: ele sabia que eu não gostava da moça.

MANUEL - Por quê?

IZOLDA - Que ele sabia?

MANUEL - Não. Por que você não gostava dela, se não a conhecia?

IZOLDA - Ora, professor. Uma sirigaita de menor que faz um guri como o Trapo pensar nela o dia inteiro durante meses não pode ser boa bisca. Intuição. (*Suspira*) Bem, agora não adianta mais meus conselhos, ele já está morto.

MANUEL - Pelo que a senhora...

IZOLDA - Você, Manuel, você.

MANUEL - Pelo que você disse, há uma relação entre o suicídio de Trapo e essa tal de Rosana. É isso?

IZOLDA - E eu sei!? Pra mim, não. Ou será que tem? Bem, o detetive é o senhor, não eu.

MANUEL - Detetive?

IZOLDA - (*Sem ouvir*) No começo, professor, eu até gostei da paixão do Trapo. Falei pra ele, olha, até que era bom você casar que ajeitava um pouco a vida, você anda bebendo demais. Eu não devia me meter, mas o Trapo era da casa, eu falava por carinho. Ele ficou uma fera! "Eu, casar?! A senhora ficou louca, dona Izolda? Prefiro casar com a senhora! Que tal, hein, Izolda? Nós dois na mesma cama!" (*gargalhada deliciosa, enquanto a cena escurece*).

Cena 9

TRAPO - (*Diante de uma escrivania, escrevendo uma carta*) Rosálida: cometi um crime. Bem, eu estava meio bêbado, tinha passado a tarde enchendo os cornos como o heterophante, o Drácula-que-desenha,

Helius, o Magnífico. Era meia-noite.

IZOLDA - *(Surge de roupão, trazendo um copo de leite)* Toma um leitinho, Trapo. *(Coloca o copo na escrivaninha)*

TRAPO - *(Volta-se. O roupão mal disfarça os seios de Izolda, que cruza os braços, tensa. Sem olhar para o copo:)* Leite? *(Volta a escrever a carta)* Leite é veneno, Izolda.

IZOLDA - *(Aproximando-se)* Toma o leitinho, Trapo.

TRAPO - *(Volta à carta. Izolda passa a mão nos seus cabelos)* Rosaurinha Rodadendro do Trápula, me ajude! Não me deixe só na minha escuridão! Entenda: não é fácil transar a mãe. É preciso despreendimento, espírito superior, nervos de aço, tudo o que eu não tenho.

IZOLDA - Chega de fumar e de beber, Trapo. Você está se acabando.

TRAPO - *(Escrevendo)* É que eu sou um gênio, Izolda. Os gênios bebem, fumam, se fodem, morrem no esquecimento. Obrigado pelo leite.

IZOLDA - Você está precisando de alguma coisa?

TRAPO - *(Concentra o olhar em Izolda, e volta súbito à carta)*

IZOLDA - *(Continua fazendo um carinho discreto, maternal, nos cabelos de Trapo. Inclina-se para a escrivaninha)* O que você está escrevendo?

TRAPO - *(Lê)* Um carinho sem posse, nem troca, nem esperança, um pássaro que se mata ao acaso, por tédio. *(Agarra Izolda, beija-a, joga-a na cama)*

IZOLDA - *(Protesta, gemendo)* Pare, Trapo, pare com isso, pare, você ficou louco, guri, saia... Meu Deus, se vêem... *(Beijam-se com fúria e paixão. Finalmente Izolda empurra-o com violência)* Trapo! Você... nunca mais faça isso, eu... eu devia... ora se tem cabimento...

TRAPO - *(Segura delicadamente o rosto de Izolda. Ele acredita no que está dizendo.)* Eu te amo. *(Izolda desaparece na sombra. A luz se concentra em Trapo e no copo de leite. Ele volta à escrivaninha e bebe o leite, gole a gole. Devagar, retorna à carta)* Aguarde o próximo capítulo, Rosa Ciumenta. Estou muito perto de mim mesmo, mas não estou vendo nada. Descobri, súbito, que tenho um ciúme brutal de você, Rosa Daninha. O que você anda fazendo no silêncio da solidão? Confesse! Confesse, Rosapânico do Trapo. *(Relê o que escreveu, em silêncio. Retoma a caneta)* Estou perdoado?

Cena 10

IZOLDA - *(Ainda rindo solto, repete a frase)* "Nós dois na mesma cama", ah ah! O senhor veja, professor, se isso é coisa que se diga pra uma senhora! Eu fiquei preocupada com a história. "Trapo, você não anda fazendo besteira? Com de menor a gente não brinca". E ele: "Que é isso, Izolda? Eu sei onde meto o pinto!"

MANUEL - *(Crescentemente incomodado com o rumo da conversa)*

Recapitulando, Izolda, que já está ficando tarde. Trapo passou os últimos meses de vida apaixonado por uma tal de Rosana, menor de idade, a quem a senhora...

IZOLDA - Você, professor...

MANUEL - ...você nunca viu, e a quem ele escrevia cartas quase que diariamente, apesar de ela residir em Curitiba. É isso?

IZOLDA - Mas falar com professor é outra coisa! É exatamente isso! E meia dúzia de palavras o senhor resumiu tudo que diz respeito a esta zinha. Mas... *(Olha em torno)* ... o senhor não tem nenhuma bebida mais forte pra rebater o café? Engraçado. Minha garganta ficou seca.

MANUEL - Bebida mais forte? *(Confere o relógio, ostensivo)*

IZOLDA - Uma cachacinha, professor. Ativa a memória. Tanta coisa pra lembrar!

MANUEL - Cachaça?! Mas eu...

IZOLDA - Já sei: o senhor não bebe há exatamente trinta anos. Acertei? *(Risada solta - e tapinhas íntimos no ombro contraído do professor)* Desculpe meu jeito, Manuel. Brincadeira.

MANUEL - *(Desarmado - e desanimado - levanta-se da poltrona)* Tem um licor aqui, presente da minha mãe...

IZOLDA - Hum... licor de butiá! Professor, isso é uma delícia!

MANUEL - Mamãe... *(envergonhado)* ...minha mãe acha que eu gosto e me manda umas garrafas de vez em quando.

IZOLDA - Vamos abrir, professor. *(Procura saca-rolhas na gaveta)* O senhor vê pra gente dois copos? *(Mete a garrafa entre as pernas, lutando contra a rolha)* O segredo desse licor é beber devagarinho, gole a gole. Um calmante. *(O professor estende o copo)* Experimente, Manuel. *(O professor dá um gole discreto, a contragosto. Izolda bebe meio copo de uma vez e estala os lábios:)* Sua mãe está de parabéns. Ai, esse licor até alivia a cabeça da gente. *(Acende outro cigarro)* Onde a gente estava mesmo?

MANUEL - Não sei. Mas esse Trapo não tem família?

IZOLDA - Só falava mal da família. "Meu irmão é um babaca, só pensa em se encher de dinheiro. Meu pai é um sem-vergonha." *(Escandalizada)* Bem assim que ele falava, professor. "E minha mãe é uma idiota, mas uma idiota que está do lado deles. Que pena que a senhora não é minha mãe."

MANUEL - Alguma razão especial... Me vê mais um pouquinho de licor? Obrigado. Alguma razão especial para ele odiar a família?

IZOLDA - Devia de ter. Ninguém odeia de graça.

Cena 11

TRAPO - Caríssima Rosana, respirei fundo: a família é o Templo do Demônio. A família é a ponta de lança de Satã no seu incontido

desespero de domesticar a Terra. Debruçai-vos, Rosana, sobre a satânica inocência familiar, a dulcíssima piedade de vossa mãe, observai o abraço protetor de vosso Pai... tão bons seriam, não fosse o Hálito do Príncipe das Trevas a lhes aquecer as nuças! Essas duas figuras inocentes são a incontrolável alavanca do Inferno, a essência do Grande Forno.

A família é o Templo de Belzebu, e se alimenta de amor, muito amor, que a refeição predileta do Demônio.

Portanto, caríssima ovelha, o Mal não é nem o comunismo, nem a desordem, nem o pecado, nem o governo, nem o reajuste do BNH, nem o sistema de pontuação das corridas de Fórmula Um. O Mal é a Família.

Vade retro!

Cena 12

MANUEL - Você conheceu a família do Trapo?

IZOLDA - Nunca que apareceram na pensão. Só vi o pai uma vez, no domingo que o Trapo morreu. Parou aquele carrão na frente, desceu o homem e foi subindo os degraus aos pulos. Engraçado: subiu a escada do mesmo jeito que o Trapo subia. (*Enche os copos vazios, acende outro cigarro*) E o homem perguntou, o senhor precisava ver o lábio torto dele, de nojo: cadê o meu filho? Nem esperou resposta; se virou e foi corredor adentro até a porta do Trapo. Não entrou; só olhou. Saiu de lá vomitando. Todo aquele ar posudo tinha sumido. Acho que foi o único susto da vida dele, não tinha treino nenhum. Por isso que eu digo: se o Trapo queria acertar o pai, acertou em cheio, um tiro muito pior que a morte, daqueles que deixam aleijado pro resto da vida.

O homem se segurava na parede, branco que era um fantasma. O senhor está bem? Quer uma agüinha? Nem respondeu. Tinha um depósito de lixo atravessado na garganta dele. O homem voltou para o quarto do Trapo, procurando o delegado. Tinha um fotógrafo soltando flashes, um outro polícia com pincelzinho aqui e ali atrás de impressão digital, acho eu. Daí eu vi o pai cochichando com o delegado. Parece que tinham encontrado cocaína no quarto. Você acredita? Eu é que não. Daí eles saíram do quarto. O pai botou a mão no bolso, o delegado segurou o braço dele, acertavam alguma coisa que eu não escutei. Então o delegado ficou grosso comigo, atrevido até, como se eu tivesse ouvido o suborno. Chegou a insinuar coisas, que a pensão e tal. Eu morro de medo de polícia, quero ver essa urubuzada longe. Pode conferir, Manuel: minha papelada está toda certinha, por isso não.

MANUEL - Que espécie de suborno?

IZOLDA - Não sei. Acho que para não sair na imprensa o nome do pai. E não saiu mesmo. Ele comprou todo mundo. Aliás, não saiu

praticamente nada do crime.

MANUEL - Crime?!

IZOLDA - O suicídio, Manuel. É a mesma coisa. Alguém mata. *(Tempo)* Eu senti muito ódio daquele homem. Depois, pensei bastante sobre o assunto. Porque nenhum pai do mundo é ruim. E eu olhava o pai do Trapo andando de um lado pra outro sem saber onde enfiar a alma... O Trapo morto ali era a maior porrada da vida dele, daquelas que não adianta mais nada senão morrer. *(Izolda enche mais uma vez os copos - a garrafa já está quase no fim. O professor passa um lenço no rosto suado. A bebida começa a fazer efeito.)*

Olha, professor. Com toda a minha ignorância eu entendi. Eu acredito em Deus, Manuel, alguém que bota ordem nessa confusão toda e vai escrevendo certinho no fim das contas. Não está na Bíblia - eu já li muita coisa da Bíblia - que a gente tem que matar o filho pra viver? Então eu, que tenho coração mole (por isso que sou pobre até hoje), então eu me comovi com aquele idiota querendo fazer ainda um resto de pose com o filho morto ao lado, e tudo que ele descobriu que podia fazer naquela hora filha da puta da vida dele era que a notícia não devia de sair no jornal. Resumindo a história: todo o dinheiro que ele juntou a vida inteira servia agora para esconder o tiro da cabeça do filho. *(Finalmente Izolda rompe o choro, um choro discreto. Controla os soluços acendendo outro cigarro. Não olha para o professor; parece envergonhada da própria cena.)* Eu precisava tanto falar, Manuel. Desculpe.

MANUEL - Você voltou a falar com ele?

IZOLDA - Nunca mais conversei com esse homem. *(Consegue dominar os soluços. Abre a bolsa, tira um espelhinho, vê-se de rosto borrado. Passa um lençinho.)* Mais uns cochichos entre ele e o delegado e começou a operação de limpeza. Levaram tudo. Esvaziaram gavetas, prateleiras, guarda-roupa. Inclusive tiveram o cuidado de lavar o sangue do chão. E sumiram. *(De novo olha-se ao espelho)* Estou horrível. *(Levanta-se, insegura.)* Onde é a toalete, Manuel?

MANUEL - O banheiro? Logo ali. *(Izolda se afasta e sai de cena. O professor, relutante, se aproxima dos pacotes. Quer e não quer abri-los. Olha para trás, temendo ser visto por Izolda. Resmunga)* O que essa mulher quer de mim? *(Olha o relógio. Pânico)* Três horas da manhã! Me enchi de café e de licor - que horas que eu vou ter sono? O que eu vou fazer com essa papelada? O que é que eu tenho a ver com esse idiota desse Trapo? *(Decide abrir um dos pacotes. Tira uma folha ao acaso, com raiva. Procura os óculos no bolso, coloca-os e lê)*

TRAPO - *(Aparece das sombras)* Destroços de Trapo. Fevereiro de 1975. Semana que vem ressurgirei dos mortos. Viva Rosana! Volume Um. Artigo primeiro: Ficam abolidos os gêneros literários. Não sou vaca de corte!

MANUEL - *(Joga a folha de volta, irritado)* Idiota. *(Pega outra folha e lê)*

TRAPO - Tenho medo
(não sei por quê)
de acordar cedo.

MANUEL - (*Irritado, um velho ranzinza.*) Eu sei. Eu sei por quê.
(*Desconsolado*) O que é que eu vou fazer com esse lixo? Essa mulher...
ai, meu Deus... (*Olha de novo para trás. Pega outra folha.*) Mas isso é
um bilhete! Até bilhete!

TRAPO - Maria: fiquei de te pegar ontem à tarde, mas não deu. Muito
serviço na Agência. Marcamos pra segunda, às seis. Tudo bem? Te
espero na Bodega. Sabe a Bodega? Ali na Cruz Machado. Quero te
mostrar meu último poema. Pra você. Tenho algumas idéias, queria
conversar. Minha cabeça é uma panela de pressão. E meu corpo uma
panela de tesão. Um beijo na boca, nos peitos, chupões mil, uma
trepadinha gostosa do Trapo.

IZOLDA - (*Reaparecendo de repente*) Está vendo, Manuel? Um gênio.
Tão novo e tudo isso já escrito. Eu sou ignorante, mas você vai saber
apreciar a obra do Trapo.

MANUEL - (*Escondendo a folha, escandalizado*) Você já leu isso?

IZOLDA - Não. O que é? Deixa eu ver.

MANUEL - (*Rápido, devolve a folha ao pacote.*) Não é nada que
interesse. (*Disfarça, remexendo nas folhas*)

IZOLDA - Ai, que bom que você está gostando, Manuel! Eu sabia!

MANUEL - Estou só dando uma olhada ligeira. Mas, sinceramente, eu
acho que... (*Izolda agacha-se ao lado dele - para profundo desconforto
do professor - e arranca uma folha do maço, que estende a ele*)

IZOLDA - Ah, leia um trecho pra mim, Manuel. Adoro ouvir poesia.
Deixa só eu acender um cigarro.

MANUEL - (*Irônico, beirando a agressão - a intenção é ridicularizar de
uma vez por todas a "genialidade" de Trapo*) Você quer mesmo! Então
ouça o grande artista. (*Faz pose de orador*) Rosana, meu doce espinho!
(*Interrompe*) Francamente! Doce espinho! Parece coisa de...

IZOLDA - (*Já deitada no sofá, sopra a fumaça*) Que lindo, Manuel.
"Doce espinho". O amor deve ser assim. Você não acha?

MANUEL - (*Irritado*) Não. Se você ficar interrompendo eu não posso ler.

IZOLDA - Desculpe, Manuel. Leia, por favor.

MANUEL - (*Exagerando*) Estou excitado e feliz, vontade de pin...
(*Chocado, pára de ler*)

IZOLDA - O que foi?

MANUEL - (*Perturbado*) Eu não gosto de ler em voz alta. Literatura foi
feita para se ler em silêncio. Quer dizer, se isso aqui é literatura, eu...

IZOLDA - Tudo bem, Manuel. Leia do teu jeito. Depois você me conta.

MANUEL - (*Sem tirar os olhos da folha, vai até a poltrona e senta. Nem
percebe que Izolda está deitada no sofá, quase dormindo.*)

TRAPO - (*Surge da sombra*) Estou excitado e feliz, vontade de pintar a
piroca de verde e sair por aí tocando trombeta. Cá entre nós, minha
canária do reino, estou destilando poesia, tenho vontade de morrer, de

chorar, de dar gargalhadas, de fazer uma pá de coisas e de não fazer nada, de tomar um fogo sem ficar bêbado, de me jogar debaixo de um ônibus só pra te salvar da Grande Perseguição: você nua correndo suada asfalto abaixo, um bicho acuado...

MANUEL - *(A irritação com o que lê não o deixa perceber que Izolda já está dormindo. Fica resmungando.)* Mas o que é isso?! Pelo amor de Deus, Izolda, com todo o respeito, mas esses poetinhas modernos de quinze anos de idade pensam que com uma régua quebrada... *(levanta-se para devolver a folha ao pacote. Remexe em outras)*...raiva de adolescente, meia dúzia de palavras, erros de ortografia, regência verbal e concordância de feira são capazes de voar aos píncaros da glória. *(Agachado, remexendo os papéis. Vai tomando coragem.)* Me desculpe, Izolda, se estou sendo agressivo, mas acho que já é hora de a gente esclarecer as coisas. *(Continua de costas para ela, provavelmente por medo de enfrentá-la, já prevenido alguma reação violenta.)* Claro, claro. Eu compreendo o seu carinho pelo garoto - pelo amor de Deus não leve o que estou dizendo para o lado pessoal. Mas eu entendo de literatura, fui professor a vida inteira e acho que é minha obrigação dizer a verdade a você. É preciso... o que é isso? *(Lê)*

TRAPO - Rosa, rosae, rosarum, rosana, rasura: se eu soubesse latim, que grande escritor seria!

MANUEL - Isso é verdade. Latim e canja de galinha não fazem mal a ninguém.

TRAPO - Uma boa notícia, musa inspiradora dos meus delírios! Saiu um concurso de contos eróticos da revista Pêlus & Talhus, que pagará caralhões de dinheiro ao autor do texto mais excitante, sacana, brilhante, sub-reptício, profundo, superficial, intrigante e habilidoso entre os milhares de contos que ejacularão na revista. Escritores do Brasil: uni-vos contra mim, porque ganharei o prêmio.

MANUEL - *(Interrompe, irritado.)* Mas a arrogância do rapazinho... *(Pega outra folha)* E aqui? Será um poema-processo, em letra bem miudinha? *(Ajeita os óculos)*

TRAPO - A poesia é uma merda.

MANUEL - *(Larga a folha, com desprezo)* A dele, naturalmente. *(Tira os óculos, guarda-os no bolso da camisa. Está decidido)* Não dá. Decididamente não dá. *(Levanta-se de repente e sente tontura. Apóia-se na poltrona)* Izolda. Agradeço a sua boa vontade, mas... *(Vê Izolda dormindo no sofá, uma perna estendida, a outra pendente, boca entreaberta, sono pesado - e entra em pânico)* Izolda! *(Aproxima-se, indignado, estende o braço para acordá-la mas recua, com medo. A voz baixa, implorando:)* Izolda... por favor... *(Não sabe o que fazer. Resmunga.)* E agora? *(Olha o relógio)* Daqui a pouco chega a diarista e... o que ela vai dizer? Que o professor Manuel anda trazendo mulher de rua pra casa dele! Era só o que faltava! *(Tenta de novo, a voz mais baixa ainda:)* Dona Izolda... por favor... já são... *(Olha o relógio, suspira. Vai à mesinha, enche um último copo de licor, que esvazia de*

um gole. Volta a olhar Izolda, desconsolado.) Ah, que durma! (Afasta-se alguns passos, mas pára; volta aos textos, pega um maço de folhas. Suspira.) Já que eu não vou conseguir dormir mesmo... (Leva os textos para o quarto.)

Cena 13

(Luz apenas sobre a cama do professor Manuel. Ele se move, agitado - está sonhando. Acorda de repente e se senta, espalhando folhas do Trapo em volta. Demora a perceber o que está acontecendo. Fala sozinho.)

MANUEL - *(Ouve um bater de vassoura na cristaleira da sala, e se sobressalta. Pânico. Estremunhado, tenta organizar a cabeça, mas tudo que conclui conspira contra ele. Percebe os papéis de Trapo no chão, sobre a cama, na mesinha da cabeceira. Junta-os, confusamente, tentando organizar a maçaroca que tem nas mãos. Está com dor de cabeça e sente uma depressão profunda. Confere os botões do pijama, ajeita-se, ergue-se e suspira, determinado a enfrentar o olhar da diarista. Procura os chinelos - está um em cada canto. Não sabe o que fazer com os papéis que tem na mão. Resmunga. Larga os papéis na mesinha, dá dois passos, volta, pega os papéis, os óculos, e entra na sala com eles. A leitura que faz é um disfarce para enfrentar a diarista. Chega à sala sorrateiro - e se espanta com a limpeza de tudo. Ruído de louça na cozinha.) Bom dia. (Para espanto do professor, Izolda aparece na porta da cozinha).*

IZOLDA - Bom dia! Como vai de ressaca, professor? *(Um riso simpático)*

MANUEL - *(Lento de cabeça, esforça-se por entender o que se passa)*
Cadê Dona Maria, a diarista?

IZOLDA - Despachei, professor. Despachei.

MANUEL - *(Sente um excesso de novidades que custa a processar)*
Despachou?! Como assim?

IZOLDA - Vem tomar café, Manuel. Já explico tudo direitinho. *(Só então ele percebe que o café está servido na sala, exuberante: queijo, presunto, pão, leite, café, melão... Aproxima-se, abobalhado)* Ontem eu praticamente desmaiei. Que vergonha. E muito obrigado pelo cobertor, faz frio de noite. Esse clima de Curitiba é terrível! *(Puxa a cadeira para ele)* Pode sentar, Manuel. Água?

MANUEL - *(Esvazia o copo, ainda assustado. Olha para o café servido como para um terrível pecado)* Mas afinal o que houve com a coitada da dona Maria?

IZOLDA - Coitada? O senhor é mesmo um homem bom. Pra início de conversa, chegou aqui às nove e meia.

MANUEL - *(Pânico)* Que horas são?

IZOLDA - Quase onze.

MANUEL - Onze horas!? Meu Deus, dormi demais!

IZOLDA - E o que é que tem, Manuel? O senhor trabalhou a vida inteira, não pode por acaso dormir até tarde? Agora, ela tem obrigação de chegar cedo, porque é paga pra isso.

MANUEL - *(Ainda atarantado, serve-se de café - e o primeiro gole é visivelmente uma delícia. Contempla a fartura da mesa)* Você... comprou tudo isso?

IZOLDA - Dei uma corridinha até a padaria. A sua geladeira anda meio desfalcada, Manuel.

MANUEL - É que eu costumo comer fora. *(Mastiga o pão, deliciado)* Depois me apresente a conta, Izolda. Não tem graça você sustentar o meu café da manhã.

IZOLDA - Que é isso, Manuel. Um presente meu. Depois de tudo que o senhor tem feito por mim...

MANUEL - Eu!? Mas... *(Ela já foi para a cozinha. Ele pega um dos papéis de Trapo e põe-se a ler, enquanto come, já um pouco mais relaxado)*

IZOLDA - *(Entrando)* Que tal o menino, Manuel? Não era inteligente?

MANUEL - *(Devolvendo rápido o papel à mesa)* Ahn? Era um... era um bom menino, Izolda. Um bom menino perdido no mundo. Muita coisa na cabeça e pouco senso prático. Muita raiva e pouco... e pouco... *(Num assomo de coragem, desabafa)* ... pouco talento!...

IZOLDA - *(Um pouquinho agressiva)* Como assim? Ele não era inteligente, vai me dizer?

MANUEL - Não, não, eu não disse isso. Ele era inteligente. Um garoto até brilhante, sob certos aspectos. Mas...

IZOLDA - *(Dando um murro na mesa, feliz)* Eu sabia, professor! Com toda a minha burrice eu sabia! Não fiz bem em trazer essa papelada pro senhor? Hein?

MANUEL - Ahn? Claro, claro. Fez bem.

IZOLDA - Então! O senhor pode conferir os papéis, escolher os melhores e publicar um livro, não pode? Esse aí não era o livro dele?

MANUEL - *(Interrompe assustado a refeição)* Como!? *(Larga o pão na mesa)* Espere aí, dona Izolda. Eu acho que a senhora está confundindo um pouco as coisas. É hora de a gente colocar os pingos nos is.

IZOLDA - *(Pela primeira vez se preocupa com a reação do professor. Disfarça)* Mais café, Manuel?

MANUEL - Não. Obrigado. *(Silêncio constrangido)*

IZOLDA - Como assim, professor? Fiz alguma coisa errada? Se fiz, o senhor me desculpe. É o meu jeito.

MANUEL - Eu sei. Não se trata disso. Eu só quero esclarecer algumas coisas, antes que...

IZOLDA - Qualquer pergunta sobre o Trapo o senhor pode fazer. Eu sabia quase tudo dele, era praticamente meu filho. Posso lhe ajudar muito no livro.

MANUEL - (*Irritado*) Não estou falando de livro nenhum, Izolda.

IZOLDA - O senhor... o senhor não vai publicar?!

MANUEL - (*Afunda a cabeça nas mãos, desconsolado*) Ai meu Deus, dai-me paciência... (*Tenta ser didático, conciliador*) Izolda, pelo menos uma vez na vida preste atenção no que eu vou dizer... (*Izolda esboça uma reação, ele a interrompe com um gesto irritado*) Deixa eu falar! Em primeiro lugar, sou professor aposentado, não editor. Entenda: quem publica livros é editor, não professor. Entendeu?

IZOLDA - Eu... eu conheço um sujeito que trabalha numa gráfica ali na Barão do Rio Branco. Morou um tempo na pensão. Ou vai me dizer que gráfica não faz livro também? Quem sabe se...

MANUEL - (*Irritado, grita*) Mas não se trata disso, caramba! Deixa eu falar!

IZOLDA - (*Amuada*) Desculpe.

MANUEL - (*Arrependido*) Me passa o café, Izolda. (*Ela obedece*) Izolda, entenda: publicar um livro não é apenas complicado; é sério. Antes de mais nada é preciso saber se a... digamos... a literatura, ou que nome tenha o que ele escreveu, se isso aí presta. Desculpe a franqueza, mas é isso mesmo: se presta.

IZOLDA - Mas o senhor mesmo não acabou de dizer que ele era inteligente?

MANUEL - (*Súplica, como quem reza*) Ai, Izolda, entenda: não basta ser inteligente, de gente inteligente o mundo está cheio. É preciso saber se ele escreve bem. Segundo: há que se descobrir um editor. Terceiro: autorização da família. Eu já estou muito velho para me incomodar, ainda mais num vespeiro desses, suicídio, o diabo. E finalmente, para encerrar essas caraminholas: eu não sou em absoluto a pessoa indicada. (*Izolda senta-se, desanimada. Suspira. O professor contemporiza*) Mas não desanime, Izolda. O ideal era que os textos de Trapo estivessem nas mãos de seus amigos.

IZOLDA - Trapo não tinha amigos, Manuel, nunca teve.

Cena 14

TRAPO - (*Completamente bêbado*) Rosaninha, minha planta carnívora... Briguei com o Etereosphante, o Heliossal. Meu amigo. Meu velhíssimo amigo, desde os tempos do bairro da Ôgua Verde. Grande amigo. Porra, ele não entendeu nada. Quebrou o ninho de porcelana.

O QUE É QUE ESSE DESGRAÇADO SABE DE MIM? Um amigo, uma estrela da vida inteira! Fiquei magoado. O filho da puta daquele bêbado de bosta não entendeu porra nenhuma. Vontade de chorar. Ah, que se foda, porra. Ando rondando o Castelo, na esperança de te ver. Não te encontro mais na Aliança. Continuo sem colar cartazes no cérebro. Estou vago de expectativa. Suplico urgência. Tá vendo

aquela estrela no céu? É tua.

Cena 15

MANUEL - Se não tinha amigos, que a papelada fique com a família, a quem de direito!

IZOLDA - *(Furiosa, bate no peito)* Eu! Trapo deu essa papelada para mim!

MANUEL - Mas isso é inverossímil!

IZOLDA - Invero o quê?

MANUEL - Deu, ou esqueceu no quarto da pensão?

IZOLDA - Nunca! A família e a polícia levaram tudo do quarto, já disse.

MANUEL - Izolda, conte essa história direito.

IZOLDA - Pois vou contar! Quinze dias antes de morrer ele levou esses dois pacotes pros fundos da pensão, na despensa. Me lembro como se fosse hoje. Dona Izolda, isso aqui é pra senhora. Se um dia eu morrer, a senhora faz da papelada o que bem entender. Eu falei: Credo, Trapo, não presta falar dessas coisas. E ele insistindo várias vezes, que me lembro, é verdade, Manuel: Isso aí é seu, dona Izolda. *(Com ar de quem deu uma boa lição no professor, acende um cigarro. O professor não parece convencido, mas sorri)* Alguma dúvida ainda, senhor detetive? Não roubei nada de ninguém!

MANUEL - *(Irônico)* Mas quem falou em...

IZOLDA - ... e eu posso fazer com essa papelada o que bem entender. E me deu na veneta dar pro senhor ler as poesias do Trapo.

MANUEL - E como a senhora me descobriu? Por acaso o Trapo me conhecia?

IZOLDA - *(Ri com a idéia)* Mas é claro que não! Também, se conhecesse ia lhe detestar, imagino!

MANUEL - *(Ofendido)* Pois então a senhora leve essas obras-primas para outro guri idiota como ele ler!

IZOLDA - *(Desarma-o com uma risada)* Parece criança, Manuel. Trouxe para o senhor, que é homem maduro, vivido, sério, inteligente. Alguém que vai saber ler e entender a vida do Trapo.

MANUEL - Pela milésima vez: como foi que você me descobriu?

IZOLDA - Ora, o velho Alberto da pensão. Perguntei se conhecia um professor de português. E o velho: Ô, sei de um que mora ali embaixo, na Carlos Cavalcanti. Um tal de professor Manuel. Então eu vim. E acertei em cheio.

MANUEL - Assim?

IZOLDA - Bem assim.

MANUEL - E não lhe ocorreu que talvez houvesse pessoas mais adequadas do que eu para fazer esse... serviço?

IZOLDA - Não. Eu vim conhecer o senhor. Conheci e gostei. Pronto.

MANUEL - *(Continua resistindo)* E se eu indicar outro professor? É que eu...

IZOLDA - Nem adianta! Não tenho confiança, Manuel. Gostei do senhor à primeira vista.

MANUEL - *(Visivelmente perturbado. Refugia-se no café. Tímido, resolve remexer nos papéis de Trapo. Resmunga)* É que...

IZOLDA - Professor, por favor. Fazemos assim: o senhor fica uns meses com a papelada, analisa, vê com calma. Sem compromisso, é claro. Daqui um tempo a gente conversa. *(Ele se mantém em silêncio. Izolda dramatiza.)*

MANUEL - *(Suspira. Como defesa, refugia-se num texto de Trapo. Ajeita os óculos e lê)*

TRAPO - Minha Rosana, Rosana Minha: não tenho feito outra coisa na vida senão perder. Você se tornou minha única posse, um anel de asas de borboleta que a gente guarda no último sótão da alma. Que medo terrível!

MANUEL - *(Larga a folha e fica pensando longe.)*

IZOLDA - O senhor ficou quieto de repente, professor. *(Levanta-se e recolhe pratos e xícaras da mesa.)*

MANUEL - *(Sente-se amarrado em um rede de estímulos contraditórios, da qual não se sente capaz de se livrar. Está deprimido e confuso - a súbita mudança de uma rotina de anos, os textos de Trapo, o cansaço, a ressaca, um vago sentimento de culpa e alguns desejos que nem ele consegue localizar deixam-no sem iniciativa. Acuado pelas dúvidas, defende-se numa indiferença agressiva que se pretende superior)* Já que você despachou a diarista, naturalmente deve ter em mente o preço do seu serviço, Izolda.

IZOLDA - *(Deixa cair um pires, que se espatifa)* O senhor me ofende, professor.

MANUEL - *(É o suficiente para acovardá-lo)* Desculpe... eu não tive intenção... *(Izolda respira fundo, mãos na cintura, um ar de quem desiste daquele velho teimoso. Faz uma menção - sutil - de tomar os textos de Trapo de volta; mas o professor, sem pensar, protege os papéis, num gesto quase infantil, que surpreende tanto Izolda quanto a ele mesmo. Ela sorri, ele se perturba sentindo-se ridículo, e suspira. Izolda vai à cozinha, de onde volta com uma vassoura. Manuel parece agora mais gentil)* Você deu pelo menos o dinheiro do ônibus da dona Maria?

IZOLDA - Dei. Mas não precisa me pagar, Manuel.

MANUEL - Você... tem alguém em vista para substituir a minha diarista?

IZOLDA - *(Simulando raiva)* Ora, eu não ia mandar embora sua empregada pra deixar o senhor sozinho, seu Manuel. Vou procurar alguém que sirva, que cobre pouco e trabalhe mais. Alguém que o senhor mereça.

MANUEL - *(Recosta-se na cadeira, mãos cruzadas sobre a barriga, pensando. Começa a sorrir, um riso que vai crescendo até quase a*

gargalhada, de liberação. Sob o olhar espantado de Izolda, explica-se)
Eu só gostaria de ver a cara da mulher quando você despachou!

IZOLDA - *(Rindo junto com ele)* Ela queria saber quem eu era. "Sou a nova empregada". A mulherzinha ficou furiosa, mas não deixei ela entrar!

MANUEL - *(Rindo solto, saboreando a liberdade)* Sabe que você tem razão, Izolda? Eu não agüentava mais a dona Maria. Mas era capaz de passar mais dez anos, se eu chegar a tanto, sem coragem para despedi-la.

IZOLDA - É que o senhor é um homem bom, já disse. Mas comigo vai ser diferente. *(O professor pára de rir, assustado)* Além do mais, enquanto o senhor lê as poesias de Trapo é sempre bom eu estar por perto, pra qualquer coisa que o senhor queira saber. Ele era como meu filho, e a opinião de uma mãe sempre vale muito.

MANUEL - *(Conformado, suspira)* É claro, Izolda. É claro.

IZOLDA - Professor, tenho uma idéia pra começar o trabalho. Por que o senhor não vai até a Bodega, ali na Cruz Machado, o tal bar onde o Trapo ia sempre? Quem sabe encontre mais conhecidos dele pra conversar.

MANUEL - Mas por que diabo você acha que eu estou interessado em conversar com os amigos dele?

IZOLDA - Ora, professor. Pra estudar as poesias do Trapo o senhor precisa conhecer os amigos dele. Como é que o senhor pode julgar o que ele escreveu se não conhece as pessoas que ele convivia?

MANUEL - *(Irritado com tamanha ignorância, pretende marcar a superioridade. Professoral:)* Ora Izolda, que absurdo! Hoje em dia há técnicas muito mais modernas de teoria literária! Ninguém sabe quem foram os amigos de Shakespeare, e...

IZOLDA - Pois deviam saber! Dize-me com quem andas, e te direi quem és? Não é assim? *(Gostando da idéia:)* Eu até posso ir junto com você!

MANUEL - Não não! Por favor! Eu vou sozinho mesmo, é melhor!

IZOLDA - O senhor vai? Eu sabia! O senhor é um amor, professor!

MANUEL - *(Percebendo que definitivamente não tem mais saída, resmunga)* A minha mãe tem razão. Sou um homem sem iniciativa. *(Afunda a cabeça nas mãos)* O que é que eu vou fazer naquele bar?...

Fim do primeiro ato

SEGUNDO ATO

Cena 1

TRAPO - Ah, diabólica noite de Curitiba! Pesada cerração e um frio de ossos, de cemitério, de cidade morta, de sombrio esquecimento. Ah, amontoado de ódios, bílis, rancores, frustrações, neste alinhamento de prédios, casas, quintais, guardas, árvores secas, caminhos de expressos, lúgubres postes de luz mortiça, prostitutas roxas de minissaias, travestis de narizes grandes e joelhos ossudos, motoristas de táxis sonolentos em seus casulos... Entro por uma ruela próxima e vejo a casa da mulher amada, minha Rosana, Rosaaanaa! Minha ninfeta Rosana, minha donzela, aquela que me ama e é amada...

Lúcido. Estou lúcido, seco, claro, objetivo, principalmente frio. Que grande alívio. Nenhuma luz acesa na casa da mulher amada. Dormem, protegidos pelas cadelas mortas. Haverá sentinelas no Castelo ou todos dormem? Todos dormem em Curitiba, não houvesse paredes Deus não suportaria tamanha soma de roncos, gemidos, suspiros, painel fantasmagórico de sonhos pela metade.

Sou iluminado. Dormem os cocheiros, os cavalos, os mordomos, a criadagem, os vassalos, a viscondessa, o Rei e a Rainha. Dormirá a Princesa?

É este o vitral. Meu coração dispara. Bato quatro vezes no vidro, a senha prevista. Amor é susto perpétuo.

Cena 2

(Interior de um bar. Em algum lugar é visível a placa com o nome: Bodega. Muitas mesinhas e cadeiras, pouco espaço. Ambiente enfumaçado. Há um balcão com banquinhos. O público é jovem, moderadamente "alternativo" - há muitos universitários. Entra-se no bar descendo uma escadinha ao fundo, o que sugere um espaço subterrâneo. Todos falam ao mesmo tempo.)

SUZANA - Desculpe, mas é isso aí. O filme não permite uma leitura linear.

LUCI - Ah, parece aula da Ester: *leitura linear!*... (Ri) Não agüento mais!

SUZANA - *(Agressiva)* O que você tem contra a Ester?

LUCI - Nada. Mas não gostei do filme. Ah, a Suzana está com a corda toda hoje... Tá bem, o filme é genial, mas eu não gostei!

SUZANA - Por que você não está tomando vinho?

LENINHA - Eu adorei o filme. Me lembrou *Grande Sertão*.

ROSE - Sabe que eu nunca li Guimarães Rosa?

GARÇOM - Vocês vão pedir mais alguma coisa? Não pode ficar sentado sem beber nada.

SUZANA - Tudo bem... *Encore du vin!*

GARÇOM - O quê?!

SUZANA - Mais vinho, Gilson!

GARÇOM - Cada uma... *(Riem)*

LENINHA - Por isso que eu adoro vir aqui na Bodega. Esse lugar é uma curtição.

LUCI - Eu também gosto daqui. É como se eu estivesse em casa. E depois tem cada lugar por aí... é um pior que o outro.

SUZANA - Bom, eu só sei que em termos de atendimento, eu nunca vi um lugar pior que o Dutra's.

LUCI - Restaurante mesmo, eu não gosto de nenhum. Não por causa da comida, mas pelo ambiente. Aquelas formalidades, garçom pra cá, garçom pra lá, é um saco!

SUZANA - Você é anti-social!

ROSE - Odeio restaurante! Gosto de bife, arroz, batata frita, feijão e ovo. E isso a gente come em casa.

LENINHA - Gosto de qualquer comida, mas acho a comida naturalista um barato. *Naturalista*, não *macrobiótica*!

SUZANA - *Macrobiótica* é comida de pinto! Uhh, que horror!

MANUEL - *(Surge descendo a escadinha com um jornal à mão - e no primeiro instante percebe-se que sob qualquer aspecto ele é um peixe fora d'água naquele bar. É objeto de alguns olhares que se pretendem discretos mas não são. Tímido, envergonhado, vai avançando até se acomodar com dificuldade na única cadeira vaga, numa mesinha à frente. Ao sentar, esbarra numa moça que, com outras duas, ocupa a mesa ao lado. Faz um gesto de desculpa, mas a moça não responde; um tanto ostensivamente afasta a sua cadeira e volta à conversa. Manuel - ainda olham para ele, intrigados - abre o jornal e percebe que não consegue ler. Apalpa o bolso da camisa: esqueceu os óculos. Para disfarçar a vergonha que sente, finge ler assim mesmo, sem perceber que um garçom - sem uniforme - já está plantado à sua frente, esperando. Ergue os olhos, não entende bem, até que percebe. Voz baixa) Cerveja.*

GARÇOM - Como?

MANUEL - Cerveja. *(O garçom se afasta. Manuel prossegue, entre o jornal e o ambiente - é visível que ele está se sentindo terrivelmente mal ali. Qualquer risada que ouve, supõe que estão rindo dele. Contempla as moças ao lado - quando uma delas fixa o olhar nele, vira a cabeça, abrupto. De repente percebe que já puseram a cerveja na*

mesa. Dá um gole fundo, depois outro. Enche o copo de novo: a bebida passa a ser uma muleta. Dois jovens se aproximam da mesa e pegam o jornal dele)

LENINHA - Estou aprendendo flauta.

SUZANA - Mais essa agora pra nos humilhar, Leninha? Não basta falar inglês, alemão, francês, espanhol, ídiche, mestrado em biologia, ver todos os filmes, ler todos os livros e fazer ginástica todas as manhãs? E ainda quer aprender flauta também?

LUCI - *(Para Suzana)* Você está muito agressiva hoje!

SUZANA - É que o Juca não apareceu ainda.

ROSE - Eu jamais aprenderia música!

LENINHA - Flauta é um barato.

SUZANA - Quando é que vai ser o concerto? Pode ser lá em casa, sexta-feira.

LENINHA - Nada disso. A noitada, tudo bem. Mas flauta não; preciso aprender ainda.

LUCI - Inteligente como você é, em três dias você aprende!

LENINHA - Ih, parem com isso! Vamos falar coisa séria.

(São interrompidas pela chegada de Hélio, já bastante bêbado. Aproxima a cabeça da cabeça de Leninha, por trás - ela se assusta um segundo, até perceber quem é, e sorri)

LENINHA - Hélio! *(Segura as mãos dele, carinhosa. Luci e Suzana sentem-se perturbadas pela presença de Hélio, que tudo indica ser um bêbado chato)* Tudo bem com você?

HELIO - *(Custa a responder, balançando a cabeça, fitando as outras duas e depois se concentrando em Leninha. O tempo em silêncio causa desconforto na mesa, mas ele não se incomoda. Não larga as mãos de Leninha, que alisa, e acaba beijando num gesto que se pretende gentil mas que só aumenta o mal-estar. Olha em volta, procurando uma cadeira vaga, que não há, aguarda um convite que não vem, e finalmente larga Leninha.)* Tudo bem. *(Afasta-se lentamente em direção ao balcão, onde se instala numa banquetta, com alguma dificuldade. Na mesa, as três aproximam as cabeças - sob o olhar altamente interessado do professor, que inclina o pescoço para ouvir melhor e acompanha todo o diálogo que se segue, até a indiscrição completa.)*

SUZANA - Quem é, Leninha?

ROSE - Ele não é aquele cartunista...

SUZANA - Ah, é artista, é? Por isso que bebe tanto?

LENINHA - Ele mesmo. O Hélio. Gosto muito dele. Mas ele está muito mal.

LUCI - Ele era muito amigo do Trapo.

SUZANA - Trapo? Aquele que se matou faz pouco tempo?

LENINHA - O Trapo era incrível.

SUZANA - Não conheci ele. Só de ouvir falar. Afinal ele era o quê, esse Trapo?

LUCI - Escrevia umas coisas.

LENINHA - Era poeta.

SUZANA - Mas me conte: ele não era meio doido? Pra dar um tiro na cabeça, assim...

LENINHA - Não diga "doido". Diga "fora da norma". Vi o Trapo umas quatro ou cinco vezes só. Era um pouco agressivo, mas carinhoso no fundo. E uma cabeça incrível.

LUCI - Eu li alguns poemas dele.

SUZANA - E que tal? Prestavam?

LUCI - Eu gostei muito.

LENINHA - O Trapo era uma presença forte, magnética. Não deu pra entender o suicídio dele. Foi uma porrada na cabeça da gente.

SUZANA - Como a vida é filha da puta, né? Todo mundo se matando por aí, e nós aqui, bebendo vinho.

LUCI - Bem, chega de baixo-astral. Morreu, morreu. Pronto. Não se pode fazer mais nada. Ou então vamos ficar como o Hélio, tomando porre o resto da vida.

ROSE - Eles eram muito amigos?

LENINHA - Estavam sempre juntos. Não vai ser fácil o Hélio levantar a cabeça.

ROSE - E se matou por quê? Você sabe, Leninha?

LENINHA - Dizem que andava metido com drogas. O caso foi abafado. Ninguém sabe.

SUZANA - A família deve estar arrasada.

LUCI - Bem, pelo que sei, parece que ele não vivia com a família há tempos.

ROSE - Ele era casado?

LUCI - Nada. Era bem guri, uns vinte anos, mas tinha namorada.

SUZANA - E vivia do quê?

LUCI - Sei lá. Publicidade, essas coisas.

ROSE - Bonito, é?

LENINHA - Eu achava. Na primeira vez que conversei com ele já foi perguntando se eu morava sozinha. Eu perguntei por quê. E ele: "É que eu quero saber se você é mulher ou porquinho-da-índia. Mulher só vira mulher quando manda a família praquele lugar..."

ROSE - (*Indignada*) Mas que machista!

LENINHA - (*Rindo*) O jeito que ele falava era engraçado. Tinha a cabeça a mil.

SUZANA - E o que você respondeu?

LENINHA - Sei lá. Eu ri. Ele estava meio bêbado. Depois começou a declamar os poemas dele. Sabia de cor todos os seus poemas. Eu fui embora, o pessoal começou a discutir não sei o quê de uma revista, um metendo o pau no outro, uma gritaria. Aqui na Bodega mesmo, ano passado.

SUZANA - E daí ele deu um tiro na cabeça. Acabou-se o que era doce.
 LENINHA - É isso aí. Acabou-se. Ainda bem que eu não conheci ele melhor.
 ROSE - Por quê?
 LUCI - Porque ela ia acabar se apaixonando por ele... Eu me lembro bem do que você me disse uma vez.
 LENINHA - Ele... ele me atraía. Isso é verdade.
 SUZANA - *(Escandalizada)* Um guri de vinte anos?!
 ROSE - A Suzana tem razão, Leninha. Eu gosto de coroa. Homem novo é muito bobo.
 LUCI - Dá tiro na cabeça!... *(Todos riem, mas Leninha fica em silêncio.)*
 LENINHA - *(Percebendo o olhar e o interesse do velho ao lado, cochicha)* Acho melhor a gente mudar de assunto... Mesmo porque estão ouvindo nossa conversa...
 ROSE - Detesto velho abelhudo! *(Baforada em direção do professor).*
 SUZANA - *(Olhando para onde Leninha olha, descobre o professor Manuel, que pega em flagrante, balbucia qualquer coisa, abobalhado. Ostensiva:)* Quem é esse velho?
 MANUEL - *(Absolutamente sem graça, finge ridiculamente voltar ao jornal, sob o olhar cortante de Suzana. Por fim, queimando de vergonha, levanta-se, pega o copo e vai até o balcão, sentando-se ao lado de Hélio, que parece dormir, cabeça escondida nos braços. Ao garçom:)* Por favor, outra cerveja! *(Na mesa, as três acompanharam os passos do professor, intrigadas. Depois que ele se instala no balcão, aproximam as cabeças)*

Cena 3

MANUEL - *(No balcão, ao lado de Hélio, que continua com a cabeça afundada entre os braços. O professor quer puxar assunto, mas não sabe como começar. Bebe mais, como defesa. Finalmente se enche de coragem)* Desculpe, você não era amigo do Trapo?
 HELIO - *(Ergue a cabeça pesada. Está muito bêbado. Contempla o velho com algum sarcasmo nos lábios, no olhar)* É da polícia?
 MANUEL - Não... eu...
 HELIO - Por que não diz logo que é da polícia, ô velho babaca. Porra.
 LENINHA - Tudo bem com você? Precisa de alguma coisa, Hélio?
 MANUEL - *(Em pânico)* Com licença, moça, eu posso explicar. Não é nada disso. Sou escritor. Estou escrevendo sobre o Trapo. Admiro muito a poesia dele. Tudo que eu quero é conhecer seus amigos, alguém que possa me ajudar. É só isso!
 HELIO - *(Estourando uma gargalhada)* Essa é boa! O velhote é escritor! Olha aqui, velho, eu conheço toda a meia dúzia de merda de escritores dessa porra de cidade, e a menos que você seja um imortal da Academia

Paranaense de Letras, ahahahah, você está mentindo. Por acaso não é o Dalton Trevisan fantasiado atrás de assunto pra contos?

MANUEL - (*Furioso, pronto para explodir*) Mas eu...

LENINHA - (*Desarma-o, pelo interesse sincero que demonstra*) O senhor está escrevendo sobre o Trapo?

MANUEL - Sim, eu...

HELIO - O que é que esse bosta sabe do Trapo?

LENINHA - Calma, Hélio. Primeiro ouça. (*Ao professor*) O senhor desculpe o Hélio. Ele não está bem...

SUZANA - (*Já puxando Leninha pelo braço*) Vamos embora, Leninha! Que situação chata!

MANUEL - (*Escreve rapidamente alguma coisa num guardanapo, que passa a Leninha*) Posso explicar do que se trata. Se você puder, me telefone.

LENINHA - (*Lê no guardanapo*) Professor Manuel... telefone sim, professor. Tchau, Hélio... (*Dá um beijo nele e se afasta, puxada pela mão insistente de Suzana*)

HELIO - (*Voltando a rabiscar num guardanapo*) O que fodeu mesmo com ele foi aquela mulherzinha.

MANUEL - Rosana?

HELIO - (*Nova desconfiança*) Porra, você é da polícia. Abre o jogo, cara.

MANUEL - Eu sou um professor aposentado, Hélio. Vou abrir o jogo, como você diz. Quando Trapo se matou, a dona da pensão ficou com duas pilhas de textos do nosso amigo. Depois, não sei por quê, ela levou a papelada para mim.

HELIO - A Izolda?

MANUEL - A dona Izolda. Quer que eu publique um livro do Trapo. Ou sobre ele. É só isso.

HELIO - (*Ainda desconfiado*) E tem muita coisa escrita?

MANUEL - Duas pilhas grossas. Contos, poemas, frases soltas e principalmente cartas. Cópias de todas as cartas que ele escreveu nos últimos anos. Não li nem a metade ainda. (*Suspira*) Você fica com os textos? Assim eu me livro desse pesadelo que a Izolda inventou. Com quem fica, Hélio? O problema continua.

HELIO - (*Levantando a cabeça*) Ora, isso já está decidido. Fica com você.

MANUEL - (*Secretamente satisfeito*) Comigo? Para depois você sair pelos botecos me chamando e velho babaca e oportunista? Tudo que eu quero é dar uma satisfação à Izolda. E lavar as mãos.

HELIO - Isso é papagaiada, professor. O senhor é a pessoa certa. Mesmo porque não há mais ninguém e a obra do Trapo está com o senhor. Sabe o que é isso? (*Misterioso*) O destino. Trapo acreditava no destino. Porra, o destino é do caralho...

MANUEL - A questão é que eu não gosto do Trapo.

HELIO - Mentira. Se o senhor não gostasse dele, não agüentava passar uma noite ouvindo palavrão e desaforo de um bêbado desclassificado como eu... (*Ri*) O Trapo era tão fodido que conseguiu juntar nós dois...

Eu até ajudo o senhor, professor... Que tal o senhor pagar mais uma vodca aí...

MANUEL - Bem, eu confesso que a vida dele me interessa, mas não a obra...

HELIO - É tudo a mesma merda, professor. Não tem o Hélio bêbado e o Hélio são. Tem o Hélio. E porra, professor, cá entre nós: o Trapo era um puta dum cara fodido. *(Ao garçom)* Traz mais uma cerveja pro velho aqui... e uma vodca pra mim...

MANUEL - Eu só queria saber quem foi essa tal de Rosana.

HELIO - Aquela putinha que fodeu com o Trapo?

MANUEL - *(Irritado)* Será que pelo menos por respeito aos mais velhos você não pode ficar cinco minutos sem dizer um palavrão, Helio?

HELIO - Vou tentar, professor. Porra, bebe aí. *(Abraça o professor)* Professor, sabe que o senhor é um velhinho do caralho?! É o destino, professor! É o destino!

Cena 4

TRAPO - *(Numa escrivaninha, diante de uma máquina de escrever. Ele datilografa de tempos em tempos, e lê em voz alta o que escreve. Rosana aparece ao fundo, apenas um vulto, fazendo contraponto ao diálogo).* Já estou no Castelo, e bato na janela da mulher amada. Primeira versão.

ROSANA - Trapo, é você?

TRAPO - Sou eu, minha Rosa. Eu te amo.

ROSANA - Pssiu... não precisa dizer... meu querido. Pensei que você não viesse.

TRAPO - E se o Rei acordar?

ROSANA - Não acorda. E a porta está trancada.

TRAPO - O corpo de Rosana é um pequeno rio e Rosa é a forma e o conteúdo e a alma e o mundo inteiro que eu desejo, se eu morresse agora eu. Eu... e ela me prende e de novo somos um polvo e caímos na cama um sobre o outro...

ROSANA - Tire a roupa, seu bobo. Vestido a gente parece coisa.

TRAPO - Tire você. Quero te olhar.

ROSANA - Eu te amo.

TRAPO - Eu...

ROSANA - Pssiu... O teu coração, ó como bate... Agora me beije cinco mil vezes.

TRAPO - E eu estou dentro de Rosa.

ROSANA - Eu queria ficar grávida.

TRAPO - Não tem medo do Rei?

ROSANA - Que Rei que nada, Trapo. Agora a vida é nossa. Falta um filho.

TRAPO - Vai amanhecer. E ela me esmaga.

ROSANA - Não vá embora. Fique aqui.

TRAPO - Amanhã eu volto.

ROSANA - Eu te amo.

TRAPO - Mais do que eu te amo?

ROSANA - Mais. Seja lá quanto você me ama, eu te amo o dobro, o triplo. O quádruplo. Eu te amo. Eu te amo completamente.

TRAPO - Rosaninha, meu amor...

Cena 5

(Casa do professor Manuel. O professor está diante da mesa da sala, em pé, classificando as folhas do espólio literário de Trapo. Está cansado, de ressaca, mas parece entusiasmado com a tarefa que finalmente assumiu.)

MANUEL - *(Classificando folha por folha)* Carta. Carta. Poema. O que é isso? *(Lê um trecho)* Vai pra coluna dos inclassificáveis. Carta. Poema. Isso aqui é... um conto. “O galo da minha infância”. Hum. “A lembrança mais antiga da minha vida vem dos quatro ou cinco anos. É um galo. Um galo branco, de crista sanguinolenta e meio caída, como quem vem da guerra. Tinha uns olhos belíssimos aquele galo da minha infância, ocos e aguados e perpetuamente em fúria.” Hum, bonito isso. Impressionante: sete linhas e nenhum palavrão. *(O telefone toca. Manuel larga os papéis e vai atendê-lo.)* Alô? (...) *(Alarmado, defensivo)* Eu não tenho nada, mamãe! (...) Subir para Curitiba? *(Susto)* Não, mamãe, não faça isso. Fique aí! O clima aqui está horrível! (...) Eu desço a Paranaguá na semana que vem. (...) Ahn? O mel da Mateus Leme? Sei. Eu compro. (...) A senhora recebeu a ordem de pagamento?

IZOLDA - *(Entrando de repente, batendo a porta)* Manuel, tudo bem?

MANUEL - *(Faz sinais irritados para que ela se cale)* Não, mamãe, não é ninguém. É a diarista. Está bem, mamãe, está bem, eu sei! *(Desliga o telefone com violência)*

IZOLDA - Desculpa, Manuel, ter interrompido você. É a senhora sua mãe?

MANUEL - *(Irritado)* É. É a senhora minha mãe. Está ficando caduca. Ela pensa que eu tenho 15 anos de idade!

IZOLDA - Credo, Manuel. Não fale assim. Mãe é mãe!

MANUEL - Você também?!

IZOLDA - E também não precisava me chamar de diarista. Não podia dizer que era uma amiga?

MANUEL - Izolda, por favor...

IZOLDA - Quer um café, Manuel? É bom pra ressaca, e pelo teu jeito

você bebeu ontem até de madrugada. Encontrou alguém?

MANUEL - *(Desistindo de reclamar)* O Hélio, amigo do Trapo.

IZOLDA - O Hélio? Ah, muito bom menino. Coitadinho, feio que dói! - mas uma pessoa ótima. Esse era amigo mesmo. De confiança. Você falou de mim pra ele?

MANUEL - Claro, Izolda...

IZOLDA - E o que ele disse?

MANUEL - Ora, não disse nada! *(Para se livrar do interrogatório)* Izolda, por favor deixe que eu cuido do trabalho. Traz o café que você prometeu.

IZOLDA - É pra já, professor. Estou gostando do seu entusiasmo. *(Afasta-se)*

MANUEL - Izolda, só uma dúvida! *(Ela pára)* Diga-me sinceramente: o Trapo *deu* mesmo essa papelada para você?

IZOLDA - *(Perturbada, fica um tempo em silêncio)* Sim.

MANUEL - As coisas não encaixam. Por que ele deixaria os textos com você?

IZOLDA - *(Furiosa)* Porque ele só tinha a mim, professor! *(Bate no peito)* Eu não admito que desconfiem de mim!

MANUEL - *(Vitorioso, diverte-se com a fúria de Izolda)* Calma, Izolda. Fique tranqüila. Se você não fizesse o que fez, hoje ninguém no mundo saberia que Trapo existiu. Você salvou a memória dele, o que por si é um gesto louvável. *(Izolda mantém-se em silêncio. Ela quer saber onde o professor pretende chegar)* Só não entendo um coisa: por quê?

IZOLDA - *(Devagar, pensativa, acende um cigarro. Senta-se no sofá)* Na última semana eu vi ele empilhando as folhas no quarto. Fazia uma faxina. Para cada folha que ia pra pilha, ele rasgava cinco, feliz da vida. “Izolda, começo vida nova! Vou casar!”

MANUEL - Casar? Com a Rosana?

IZOLDA - Só pode ser. Nem perguntei. Então me disse: “Essa pilha aí vale milhões, Izolda! Vou ser o escritor mais famoso do mundo!”

MANUEL - *(Começa a sorrir)* E então...

IZOLDA - *(Envergonhada)* Ah, não sei, Manuel. E então ele morreu, telefonei pra polícia, voltei pro quarto, vi a papelada amarrada num canto. Peguei aquilo e levei pra despensa, morta de medo que alguém visse. *(Silêncio)* Eu não roubei nada. Se a polícia perguntasse eu ia dizer que ele pediu pra guardar. Não revistaram, nem perguntaram, nem se interessaram. Se não fosse eu estava tudo no lixo agora.

MANUEL - *(Vingando-se, com crueldade divertida)* Então a senhora confessa que pegou a papelada porque talvez ela valesse milhões... ahahahah!

IZOLDA - *(Espera esgotar-se o riso do professor)* E vale milhões, Manuel?

MANUEL - *(Volta a rir solto, com prazer)*

IZOLDA - Rindo do quê, Manuel? Eu sou ignorante, mas sei que a inteligência do menino não era comum. *Eu* aposto nele! E parece que

sou a única. Porque a família dele eram uns corvos! Só foram buscar o cadáver. Pra mim esse suicídio foi coisa deles, que Deus me perdoe. Ou daquela putinha da Rosana... E você fica rindo aí, mas aposto que durante a vida inteira não escreveu nem a metade do que ele escreveu em dois anos! *(Arrepende-se imediatamente)* Desculpe, Manuel. Não tive a intenção.

MANUEL - *(Suspira. Está pensando longe)* Você tem razão, Izolda. Eu deveria ter sido detetive. Um projeto de casamento, um suicídio em seguida. Um belo projeto romântico levado às últimas conseqüências... Trapo não teve medo de enfrentar a própria mediocridade, uma coragem que eu nunca tive. *(Suspira)* Bem... *(volta à papelada)* Vou ler nosso escritor.

IZOLDA - *(Aproximando-se)* Diga a verdade, Manuel. Tem valor o que ele escreveu?

MANUEL - Não sei ainda, Izolda. Provavelmente não. A literatura no Brasil nunca vale nada. *Trapo* tinha valor. Por enquanto, é o que basta.

IZOLDA - Bem, pelo menos estamos fazendo tudo que a gente pode fazer por ele, não é verdade?

MANUEL - É, Izolda. E o nosso café?

IZOLDA - Já vai, já vai! *(Olham-se; é um olhar subitamente carinhoso, que dura alguns segundos, até que o professor volta brusco à papelada).*

Cena 6

(Volta imagem da cena 4, com Trapo e Rosana)

Cena 7

(O professor está classificando os textos de Trapo na mesa da sala. Desta vez está desanimado. Começa a resmungar)

MANUEL - Ai meu Deus... por que é que eu fui me meter nessa história de Trapo... O que é que eu vou fazer com essa papelada? Esse rapaz era completamente louco! *(Batem à porta. Ele vai atender)* Hélio?

HELIO - *(É a imagem do bêbado arrependido: tímido, envergonhado, evita olhar o professor nos olhos. Traz uma garrafa embrulhada na mão.)* Vim pedir desculpas, professor.

MANUEL - Desculpas?

HELIO - Aquela noite fui muito inconveniente, professor. Estava bêbado demais. Queria... agradecer a sua paciência... o senhor... *(Tira um papel do bolso)* ... deixou seu endereço comigo e... o senhor pagou minha conta também. Não é justo. Eu...

MANUEL - Você dormiu no balcão.

HELIO - *(Desajeitado)* Ó, eu trouxe um presente pro senhor. *(Ele mesmo abre o pacote e lê o rótulo)* Stolichnaya, Russian Vodca! Contrabando do Paraguai. Coisa fina, professor. Uma delícia. Onde é a geladeira, professor? Eu ponho lá pro senhor e...

MANUEL - *(Suspira, já conformado com a nova invasão)* Lá na cozinha.

HELIO - Se o senhor me dá licença... *(Vai entrando)*

MANUEL - Tem cinzeiro aqui, Hélio.

HELIO - Ah, obrigado, professor. Eu... *(É incapaz de parar quieto; olha para tudo, exceto para o professor. Descobre a papelada em cima da mesa)* Ah, o senhor já está trabalhando com o material do Trapo, que beleza, professor. Tenho inveja do senhor, lendo toda essa beleza em primeira mão... muita coisa bonita, professor? *(Remexe nos papéis)* E tem de tudo aqui, é professor?

MANUEL - *(Começando a irritar-se)* Por favor, Hélio, não misture as pilhas!

HELIO - *(Afastando-se da mesa imediatamente)* É claro, professor, desculpe, eu...

MANUEL - É que eu estou classificando o material.

HELIO - *(Com um interesse exagerado)* Não me diga, professor!

MANUEL - *(Assumindo um ar professoral, como alguém que se sente cobrado e precisa mostrar serviço)* Para você ter uma idéia: Trapo deixou 107 cartas propriamente ditas, 622 poesias, 26 recados ou bilhetes, 32 contos, 41 projetos, em geral de romances, nunca maiores do que três páginas, 205 fragmentos, e mais 209 textos, aparentemente cartas, mas a rigor inclassificáveis. Quase nunca há indicação de datas. Além disso, falta classificar essa outra pilha, de manuscritos, quase totalmente ilegíveis. Talvez anotações de bêbado, tem até guardanapo de bar aí.

HELIO - *(Realmente impressionado, agora)* Porra, professor... *(Põe a mão na boca)* Desculpe, professor.

MANUEL - *(Suspirando)* Então é isso que nós temos. A pergunta é a seguinte, Hélio: o que fazer com esses textos?

HELIO - O senhor que sabe.

MANUEL - Vejamos, Hélio. Por escrito. *(Pega caneta e papel)* Item a: poesias.

HELIO - *(Ansioso)* São boas, não são, professor?

MANUEL - Para falar a verdade, são fracas. Trapo não tinha verdadeiro talento poético. Foi poeta na vida, não na literatura.

HELIO - Isso é verdade, professor! Um porra-louca!

MANUEL - *(Interrompendo)* Vamos ao item b: contos. Não merecem publicação. Trapo não tinha domínio nenhum da técnica do conto.

HELIO - Então não sobra nada?

MANUEL - Sobra o item c: cartas.

HELIO - Cartas?

MANUEL - Sim, sobram as Cartas à Rosana.

HELIO - Mas o que se pode fazer com elas?

HELIO - Por que o senhor, que sabe escrever, que entende de literatura, não faz um relato do que aconteceu? Conta a história dos originais, da Izolda, até eu poderia entrar aí. Desse jeito o pessoal ia entender o Trapo. Como um romance. Um puta romance!

MANUEL - *(Contaminado pela idéia, ainda reage, amuado)* Eu nunca escrevi um romance na minha vida.

HELIO - Nem o Trapo! E o sonho dele era escrever um romance! Nunca conseguiu!

MANUEL - É verdade... fez porrad... fez um monte de esboço, mas nunca passou de três ou quatro páginas.

HELIO - Então? O senhor pode fazer o romance dele! *(Bajulando)* Competente o senhor é! Vai mais uma vodca?

MANUEL - Só um pouquinho. *(Dá mais um gole, já sem fazer careta)* A idéia é boa, Hélio. Digamos que eu escreva esse romance. O problema continua. O objetivo é publicar as coisas dele, não as minhas.

HELIO - Ah, aí que está a sacada! O senhor mistura as coisas dele com as suas. Ou faz uma espécie de apêndice. Ou estudo. O senhor que sabe, que é professor. Mistura carta, poesia, conto, nota de rodapé. Já estou vendo o começo do livro: *Estava eu, certo dia, abrindo uma garrafa de cerveja bem gelada, quando eis senão quando bateram à porta. Era Izolda, uma simpática moça de cabelos cacheados que, muito gentil...*

MANUEL - Chega! Se você recitar mais uma linha eu desisto do projeto! *Eu, eu* escrevo o romance! Desta vez ninguém vai se meter no que eu faço!

HELIO - Certíssimo, professor! O senhor precisa da solidão criativa! Bem como o Trapo falava! Vai fundo!

MANUEL - *(Extasiado com a idéia)* Um romance... mas isso vai demorar...

HELIO - Não faz mal, professor. O importante é que durante todo esse tempo o Trapo vai estar vivo, aqui, com a gente. Parece que estou vendo ele ali, fumando maconha.

MANUEL - *(Nem ouviu)* E depois, para publicar? Não é fácil!

HELIO - Deixa comigo, professor, que eu cuido disso.

MANUEL - *(Como que acordando)* Hélio, você tem o endereço dos pais do Trapo e da família da Rosana?

HELIO - É pra já, professor. Preciso de uma lista telefônica.

MANUEL - *(Levanta-se, cambaleante)* Gostei da idéia, Helio. Gostei.

HELIO - *(Estendendo a mão)* Então, professor? Amigos, finalmente?

MANUEL - *(Bêbado)* Vamos brindar!

Cena 8

TRAPO - Rosana, meu amor: se fosse possível eu conversar com o meu

pai, o que ele me diria? E o que eu diria a ele? Só tem um modo de eu arrancar aquele velho da minha cabeça, que está voando de coca. Vou matá-lo, com esta Magnum maravilhosa e silenciosa.

É isso: vou matar meu pai. *(Ri)* Alguém tem que fazer o serviço sujo, não é assim?

Descarrego a arma no seu peito, que explode sangue.

Um segundo de silêncio agora, o vazio universal. Matei meu pai. Que emoção será essa? Que sentimento será adequado para este instante limite da vida inteira? Alívio? Desespero? Solidão?

Rosanhinha, interrompo aqui a morte de meu pai. Amanhã mato ele de novo, e assim todos os dias, até conseguir a versão definitiva, passada a limpo, no capricho.

Cena 9

(Escritório de Fernando, pai de Trapo)

FERNANDO - Por favor, sente-se. Fique à vontade, professor. O senhor quer um café?

MANUEL - Obrigado, eu...

FERNANDO - *(Cortando. Está agitado; evita olhar o professor nos olhos e não pára quieto na cadeira. Abre e fecha gavetas o tempo todo. Rabisca na agenda)* Se eu entendi, o senhor está fazendo uma pesquisa sobre o meu filho... o Paulo...

MANUEL - É, eu...

FERNANDO - Sabe que o senhor me comoveu? *(Ironia defensiva - ele tenta disfarçar a própria perturbação, um sentimento que vive durante toda a cena)* É comovente quando os outros se preocupam com os nossos filhos. Eu até gostaria de lhe ajudar. Mas as empregadas jogam tudo fora.

MANUEL - Perdão?!

FERNANDO - Os papéis do Paulo, que o senhor pediu. Revirei a casa e não encontrei nada. Ele nunca me escreveu. *(Acende um cigarro. Levanta-se, abre um armário e tira uma garrafa de uísque)* Quer beber, professor?

MANUEL - Não, obrigado, eu...

FERNANDO - *(Enchendo um copo)* Talvez bêbado eu consiga explicar. O Paulo era um garoto problema. Sempre foi. A Cláudia queria levar ele num psicólogo, quando era criança. Pra falar a verdade, eu achava que isso era frescura. Sempre quis fazer dele um homem. Como todo mundo, professor. Com o Toninho, o mais velho, meu sistema deu certo, hoje é meu braço direito aqui na firma. Eu gostaria que o senhor conhecesse o Toninho, pro senhor não pensar que...

MANUEL - Mas o Tra... o Paulo também foi um grande homem, seu

Fernando, ao modo dele. Com todos os defeitos, ele...

FERNANDO - Um homem não se mata, professor. Desculpe se sou estúpido, mas alguma coisa estava errada. Ele andou se metendo com... é difícil explicar. O Paulo me matou. O senhor entende?

MANUEL - Sim, eu imagino que...

FERNANDO - O senhor tem filhos?

MANUEL - *(Crescentemente incomodado)* Não, eu...

FERNANDO - Então o senhor não entende. Deve achar que eu sou um cavalo. O senhor desculpe minha grossura, mas sempre achei que o estudo não ensina nada dessas coisas.

MANUEL - Eu entendo, sim, seu Fernando.

FERNANDO - *(Abre uma gaveta e tira um caderno escolar, que joga ao professor)* É do Paulo. A única coisa que sobrou dele, acho que do segundo ano primário. Só tem contas aí, tabuada. Nesse tempo ele era uma criança normal.

FERNANDO - Espero que o caderno de tabuada lhe seja útil.

MANUEL - Ah, sim, com certeza. Obrigado. *(Silêncio constrangido. Levanta-se. Como quem se lembra de mais uma coisa antes de ir embora:)* O senhor desculpe a pergunta... a sua esposa... ela faleceu?

FERNANDO - A Cláudia? Não, professor - ela ficou louca, e está louca até hoje. Eu escondo ela. O senhor não sabia? O Trapo não lhe contou? Toma comprimido até hoje.

MANUEL - Desculpe, por favor, eu...

FERNANDO - *(Com um desejo secreto de agredir o professor)* Aconteceu assim: devagarinho, não sei por que nem de onde nem como a nossa vida foi virando uma bosta tão completa... e ela se fechou, envelheceu, silenciou, meio que morreu. Agora vive drogada. E largou a merda do filho de uma vez por todas, como eu pedi. *(Silêncio constrangido. Pouco a pouco o pai de Trapo vai se desmontando pela própria confissão)* Eu merecia isso, professor? Quer saber de uma coisa, professor? Falar mais claro é impossível, se é isso que o senhor quer que eu diga: fodi com o Paulo, fodi com a Cláudia e fodi comigo mesmo. O Toninho, o mais velho, eu salvei. Três a um. E o jogo acabou. O senhor não acha que eu fiz tudo que pude?

MANUEL - Com certeza, seu Fernando. Eu... admiro como o senhor enfrenta a realidade... e...

FERNANDO - Ah, o senhor me admira? O senhor é engraçado, professor. Aposto que o senhor nunca precisou provar nada a ninguém. Tudo já estava mais ou menos pronto, não foi assim?

MANUEL - De certa forma, sim. Até aqui eu escapei do forno...

FERNANDO - Pois é. Eu não escapei. Eu tive que provar tudo a todo mundo a minha vida inteira. Nasci favelado, fui pedreiro, comi de marmitta com a bunda na terra, aprendi a ler no Exército, criei galinha, lutei pra entrar em clubes e hoje eu sou sócio do Country. Professor, não se constrói um prédio com poesia. Se aquele vagabundo estivesse passando fome, não daria um tiro na cabeça. Ia cuidar da vida.

MANUEL - Mas o Trapo... o Paulo saiu de casa, foi morar sozinho por conta própria e, que eu saiba, nunca lhe pediu nada e...

FERNANDO - É claro. Tinha herança. Questão de tempo.

MANUEL - *(A brutalidade da observação leva-o a abrir a boca para responder, mas não diz nada. Profundamente desconfortável, faz menção de se despedir)* Seu Fernando, eu acho que...

FERNANDO - *(Irritado)* Sente aí, professor, ouça tudo agora! *(Irônico)* Se a Cláudia não estivesse louca ia gostar de você, professor. Falar francês, comentar livros, ler poesia em voz alta. Sabia tocar piano. Quando comprei um piano - de cauda, Essenfelder, do melhor - ela nunca mais tocou. Está até hoje lá em casa, criando bicho. Deve ser o meu dinheiro, que é diferente do dinheiro dos outros. Eu devo ser um sujeito muito filho da puta. Um camponês tosco. Poderia estar plantando alface no mato, até hoje. Muito pobre e muito digno, como o meu pai foi. O que o senhor acha?

MANUEL - *(Desconfortável, tenta mudar de assunto)* Seu Fernando, eu...

FERNANDO - O senhor sabe que todas as noites a Cláudia me acorda: *por que você matou o Paulinho, por quê?* E grita histérica, até que eu lhe dou um murro e ela se acalma. No outro dia, nem se lembra. *Ó, Fernando. Machuquei o lábio.* E começa a rir. Depois dos comprimidos, dorme de novo. *(Tempo. O pai de Trapo está no limite da tensão, e segura o choro com dificuldade, mas não se entrega)* Eu não agüento mais, professor. Mas eu vou agüentar, eu sei que vou, porque eu tenho outro filho que não tem nada com isso. Eu fiz tudo que pude. Eu vou continuar assim. *(Esvazia o copo. Silêncio constrangedor. Volta à mesa, suspira)* Não sei se fui útil ao seu trabalho, professor.

MANUEL - Sim, com certeza. Só quero pedir desculpas pela inconveniência, eu...

FERNANDO - Não se esqueça, professor: o que precisar, é só pedir. Eu não quero carregar mais uma culpa. E eu sei que livro, homenagem, poesia, tudo isso custa dinheiro. *(Sozinho, volta lento à mesa. Uma luz ao lado da porta começa a iluminar Trapo, recostado na parede, tranqüilo, olhando para o pai. O homem vê o filho, sem demonstrar qualquer surpresa. Em pé, enche o copo de uísque e estende ao filho, uma emoção suave, um carinho sem exagero. Sustenta o gesto alguns segundos, mas Trapo não se move, sempre olhando para o pai, que acaba secando o copo ele mesmo. Senta-se, lento, e segura a cabeça entre as mãos.)*

Cena 10

TRAPO - Tudo é Sistema, o resto são Trevas.

O Sistema se encalacra e apodrece e se renova, simultâneo e mágico e filho da puta, e no apodrecer renasce, bicho gosmento, e nos

leva de cambulhada, minha ora nomeada esposa Rosana do Ilustríssimo Senhor Trapo. Nada de alianças de ouro: uma boa trepada no beco.

Mas não se usa o Sistema, Dulcíssima Traição. Ou ele nos usa, ou Trevas. Há um momento na vida em que desistimos. Não uma passagem lenta, um simples envelhecer. Seria fácil assim, se o tempo fosse suave. Mas há um minuto de silêncio em que paramos de andar e tomamos outro rumo. Então, entregamos nosso ninho de porcelana, como quem desiste da brincadeira. E morremos. Contudo, leva-se muitos e muitos anos para se perceber essa morte, e, muitas vezes, descemos ao túmulo inocentes dela.

Não consigo mais viajar, Rosazinha. O Sistema, a porra do Sistema volta e meia dá um sorriso de oitenta dentes. Que se foda o Sistema. Tô muito a fim de ficar ouvindo a Janis Joplin pro resto da vida. Temos que nos resolver, Rosa Ferida Debaixo da Chuva. Vou te ver hoje.

Cena 11

(Sala do professor Manuel. Ele está trabalhando com os textos do Trapo, quando batem à porta)

LENINHA - Professor Manuel?

MANUEL - Leninha! É você?

LENINHA - Tudo bem, professor? O senhor me deu o endereço no bar e...

MANUEL - Ah, sim! Por favor, entre... *(O professor está muito feliz com a visita. De algum modo, Leninha “ilumina”, pela sua leveza, a sala do professor; ela é delicada, encantadora e um tantinho tímida. Ao longo da conversa, o professor vai se deixando tomar pela simpatia de Leninha, e chega a desenvolver uma auto-estima, quase uma confiança em si mesmo, apenas pelo desejo de agradá-la. Pode-se dizer que a presença dela toca em alguma corda de paixão já adormecida há muitos anos no professor, que nem ele sabe localizar. Digamos que é uma sensação de “renascimento”. Mas a passagem deve ser bastante sutil) ... pois eu estava justamente trabalhando com os textos do Trapo... (Mostra a papelada sobre a mesa, com uma ponta de orgulho)*

LENINHA - Que beleza, professor! O senhor tem tudo que ele escreveu?

MANUEL - Acho que praticamente tudo. Estou atrás de textos avulsos. Mas por favor, sente-se, fique à vontade.

LENINHA - Antes de mais nada, eu queria pedir desculpas por aquela noite, no bar. A Suzana foi indelicada com o senhor.

MANUEL - Ora, que é isso, eu... eu estava sendo abelhudo mesmo!... *(Ri)*

LENINHA - Desculpe, professor. A gente nem sabia que o senhor estava pesquisando a vida do Trapo. Depois eu conversei com o Hélio e ele me explicou.

MANUEL - Ah, o Hélio. Boa pessoa. Muito boa pessoa e... ele tem me

ajudado muito no trabalho!

LENINHA - *(Animada)* O Hélio me contou que o senhor está escrevendo um romance. Vou ficar orgulhosa se puder ajudar, professor! Não é sempre que a gente pode participar do trabalho de um romancista! E o barato é que é sobre o Trapo, a pessoa mais incrível que conheci. O senhor já tem algum plano?

MANUEL - Bem... *(começa a assumir o papel de romancista - ele não quer decepcionar Leninha)* ... já tenho algumas idéias básicas para desenvolver. Espero que o trabalho fique bom...

LENINHA - Tenho certeza que vai dar certo. E estou à sua disposição, professor. O que eu puder fazer para ajudar... Ah, eu tenho um poema do Trapo, que ele escreveu pra mim na mesa do bar. *(Abre a bolsa e estende um papel dobrado)* Tirei uma cópia pro senhor.

MANUEL - Ah, muito obrigado, Leninha! *(Passa os olhos, coloca-o na mesa)* E tem data! Isso é uma raridade. Depois vou ler com calma. O Trapo falava muito de você nas cartas.

LENINHA - *(Um tanto encabulada, acaba confessando)* Eu gostava muito dele, professor. Sofri com a morte, não deu pra entender.

MANUEL - É um mistério, que estou tentando desvendar. Já falei com o pai do Trapo, mas não adiantou muito. Agora pretendo enfrentar a família da Rosana. O Hélio conseguiu o endereço.

LENINHA - Eu conheço a Rosana.

MANUEL - Você conhece? *(Agitado)* Você... você não quer tomar um licor de butiá, Leninha? É bom, minha mãe que faz...

LENINHA - Eu aceito um licorzinho, professor.

MANUEL - *(Serve o licor em dois cálices. Esvazia o seu de um gole. Brinca)* Depois de velho aderi à bebida. Influência do Trapo... *(Riem)* Mas me fale da Rosana.

LENINHA - Ela foi minha colega no curso de Francês. Mas depois que o Trapo morreu foi para os Estados Unidos.

MANUEL - Você era amiga dela?

LENINHA - Mais ou menos. Era uma menina esquisita.

MANUEL - Como assim?

LENINHA - Nunca falava com ninguém. Ninguém lá no curso suportava a Rosana. Pra falar bem a verdade, era meio louca, professor. Bem, com aquela mãe...

MANUEL - Você conheceu a mãe?

LENINHA - Vi uma vez. Ia todo mês reclamar. “Minha filha tem problemas”. “Minha filha isso, minha filha aquilo”. Era um inferno pra Rosana. Bem, não sei por quê, eu entendia a Rosana.

MANUEL - E foi para os Estados Unidos...

LENINHA - Sim. Corre um boato que está numa clínica especializada não sei em quê. Autismo, catatonia, crise de alheamento, alguma coisa assim, muito grave. Bem, do jeito que ela vivia... um regime de escravidão.

MANUEL - *(Tateando; não quer abrir feridas em Leninha)* E o Trapo...

será que gostava mesmo dela?

LENINHA - *(Tempo)* Acho que sim.

MANUEL - Bonita?

LENINHA - Não era feia. Também não era exatamente antipática. Era louca. Ôs vezes fugia da aula e da vigilância do motorista. Os dois eram pirados demais. Se alguém não põe o pé no chão... E também o desnível de cabeça. O Trapo era muito inteligente e...

MANUEL - E a Rosana era burra?

LENINHA - Não é bem assim, professor. Digamos “inculta”.

MANUEL - Você acha que ele se matou por causa dela?

LENINHA - Alguma relação tem de haver, professor. É muita coincidência. O senhor encontrou alguma explicação?

MANUEL - Nenhuma, até aqui. Mas para um romancista... *(O professor fala “romancista” com uma pose que tem um quê de infantil - ele está se exibindo para Leninha) ...* o que chamamos de “verdade” tem outro sentido. O Hélio até sugeriu que eu inventasse à vontade. Bem, como o Trapo viveu uma vida mágica...

LENINHA - *(Encantando-se)* Que barato, professor, escrever um romance... Já estou curiosa para ler...

MANUEL - Bem, nem comecei ainda, mas acho que já tenho um bom material. Por favor, beba mais do licor... *(Suspira)* Uma pena que não vou poder falar com a própria Rosana, mas vou procurar a família.

LENINHA - Não vai ser fácil, professor. Eles...

(A porta abre subitamente com a entrada da mãe do professor Manuel. É uma mulher dominadora, parece que sempre prestes a explodir - e um tantinho caduca. Ouve com dificuldade, tanto por problema de ouvido quanto pelo fato de achar que o único universo relevante é o dela própria)

MÃE - Faz quase uma semana que você não me dá notícia, Manuel! Você quer me matar do coração?

MANUEL - *(Tentando disfarçar o desespero)* Mamãe! Que surpresa! E a senhora nem avisou que vinha pra Curitiba!

MÃE - *(Aproximando-se a dois palmos de Leninha, que se ergue, insegura)* Quem é essa?

LENINHA - Boa tarde, eu... *(Estende a mão, que a mulher ignora)*

MANUEL - É a Leninha, mamãe... é...

MÃE - *(Não está nem um pouco convencida de qualquer coisa que ele diga)* Dando aula particular agora, Manuel? Não me diga que está tão mal de dinheiro?

MANUEL - A senhora não entendeu, mamãe. A Leninha é...

MÃE - *(Descobre a garrafa de licor sobre a mesinha)* Bebendo licor a essa hora, Manuel? Isso aqui é pra tomar depois das refeições, e só um cálice por dia. Você acha que eu tenho fábrica? Bem que eu notei que você andava bebendo...

MANUEL - *(Esboçando um reação)* Mãe, por favor! Eu tenho visita...

MÃE - *(Desarma o professor com a pergunta)* Cadê a Maria? Já foi embora?

MANUEL - Que Maria?!

MÃE - Ora, que Maria? A diarista! Quem haveria de ser?

MANUEL - Ah, a...

MÃE - *(Para a Leninha, num gesto irritadiço de mão)* Fique sentada aí, menina, não quero atrapalhar a aula. *(Ao filho)* Você comprou o mel que eu pedi?

MANUEL - Eu não tive tempo ainda, mamãe...

MÃE - Mas nem isso, filho? O que está acontecendo? Você nunca foi assim! Fiz bem em subir. O casamento da filha do seu Vicente está na porta e aposto que você não comprou presente nenhum. Com que cara que eu vou ao casamento?

MANUEL - Mamãe, por favor. *(Meio que empurra a mãe para a cozinha)*

LENINHA - *(Aproveitando a deixa)* Professor, é melhor eu ir agora. A gente...

MANUEL - *(Súplica desesperada)* Pelo amor de Deus, não me deixe sozinho! Minha mãe não é sempre assim. A viagem é que transtorna a cabeça dela. Logo se acalma. *(Confessa)* Sessenta anos resistindo, Leninha. É minha mãe. Sente, sente, tome mais um licorzinho. *(Serve Leninha e serve-se também, enxugando o copo de um gole. A mãe reaparece)*

MÃE - Você não respondeu cadê a Maria. Ou acha que eu estou ficando caduca e não me lembro mais das coisas?

MANUEL - *(Furioso)* Pois quer saber, mamãe? Eu despachei a Maria!

MÃE - *(Surpreendentemente, desarma o filho com uma risadinha)* Arre, até que enfim tomou alguma iniciativa. Eu sempre disse que essas empregadas de Assembléia de Deus não prestam. *(Acusadora)* Mas alguém está limpando essa cozinha! Você sempre foi um menino relaxado!

(Entra subitamente Izolda com um jornal na mão, excitadíssima)

IZOLDA - Manuel! Sabe o tal de Moca, aquele tal que vendeu o revólver pro Trapo? Pois mataram ele no presídio do Ahu. Taqui, ó, na Tribuna! *(Percebendo as outras pessoas da sala)* Ah, desculpe, pessoal, eu...

MÃE - *(Levantando-se furiosa da poltrona, aponta o dedo terrível para Izolda)* O que é isso?!

MANUEL - *(Para Izolda)* É minha mãe, Izolda. E a moça é...

IZOLDA - *(Derretendo-se num sorriso falso)* Não me diga, Manuel, a senhora sua mãe! Muito prazer! *(Avança trocando beijinhos)* Como está a senhora? Com saúde! *(Antes que a velha se recupere do espanto, vira-se para Leninha)* Ah, e você é a menina do Trapo, a... como é mesmo o seu nome?

LENINHA - Eu sou a Leninha, fui amiga do Trapo.

MÃE - Trapo?! O que é isso? *(Percebe em flagrante o filho enchendo outro copo de licor)* Você deu pra beber agora, Manuel? *(Agarra-o pelo braço, puxa-o)* Quer me explicar o que está acontecendo? *(Apontando Izolda)* Quem é essa? É a nova empregada?

MANUEL - *(Antecipando-se desesperado a uma possível explosão de fúria de Izolda)* É minha noiva, mamãe! *(Alguns segundos de um silêncio brutal, quebrados habilmente pela presença de espírito de Izolda, que está felicíssima)*

IZOLDA - Vai dizer que a senhora não sabia?! *(Repreensão suave)* μ Manuel, você não tinha falado nada pra sua mãe?

MANUEL - *(Como quem caiu numa arapuca, não consegue mais entender o que se passa)* É que eu...

MÃE - *(Sacudindo o dedo ameaçador)* Quer dizer que você noivou e não me falou nada!?

LENINHA - *(Desconfortável no meio da confusão)* Professor, acho que já está na hora de eu ir embora. Eu...

MÃE - Atenda a menina, Manuel, já que você não deu aula nenhuma mesmo. *(Para Izolda)* O Manuel nunca na vida que me falou de você.

IZOLDA - Pois sabe, faz pouco tempo que a gente noivou, a gente estava planejando uma visita surpresa pra senhora, pra formalizar o noivado e...

MÃE - De que família você é?

LENINHA - *(Interrompendo)* Desculpe, eu já estou indo e...

IZOLDA - *(Trocando beijinhos)* Tchau, querida, apareça sempre!

MÃE - *(Ao filho)* Por respeito, pelo menos você devia tirar o retrato da Matilde da parede. Era só o que me faltava! *(Para Izolda)* O que você faz na vida?

Cena 12

(Trapo contempla a arma, diante da escrivaninha, enquanto Moca anda de um lado para outro, impaciente)

MOCA - E daí? Gostou da arma?

TRAPO - De quem você roubou essa merda?

MOCA - Merda o caralho! Isso é uma Magnum, cara, com silenciador. Isso é do Exército!

TRAPO - Mas tá caro pra caralho!

MOCA - É o preço cara. Tá a fim? Senão eu levo embora. Tem fila de gente atrás dum brinquedo desse.

TRAPO - Tá, tá, que se foda! Meu dinheiro é capim mesmo! Porra, mas só isso de maconha? E esse pó aqui, é vidro moído?

MOCA - Porra, cara, não fode! É puríssima! Me dá um gole aí. *(Bebe do copo do Trapo)*

TRAPO - *(Vai preenchendo o cheque)*

MOCA - O quê? Vai pagar em cheque?

TRAPO - Que é que tem, porra? Não vou sair por aí com o bolso cheio de dinheiro feito um otário.

MOCA - Escuta aqui, seu boy de merda! Já vi que você não é do ramo! *(Arranca o cheque da mão do Trapo, tapinhas nas costas)* E vê lá o que você vai aprontar com esse trabuco, hein!

Cena 13

(Manoel e sua mãe na rodoviária)

MÃE - Pois vou dar minha opinião de mãe. A Izolda não serve pra você.

MANUEL - Mas mamãe, por favor... Eu nem sei se vou casar...

MÃE - Você não nasceu pra casar com mulher dessa laia! Ela fuma, bebe, pinta o cabelo, fala como se fosse a dona da casa! Você dando aula, e entra *aquilo* na sala! Parece bordel! E que história é essa de Trapo? Não estou gostando nada dessa história. Você não tem mais idade pra isso!

MANUEL - A senhora não está entendendo...

MÃE - Você acha que sou burra? Sou velha, mas burra não! Você está arranjando é complicação! E complicação com polícia! Que história é essa de revólver de Trapo? E esse mó não sei o quê, que mataram lá no Ahu, de sair até em jornal? E pra completar, um casamento com uma desquitada, e dona de pensão! É o que eu digo, você nunca teve iniciativa na vida! É esse aí o meu ônibus?

MANUEL - Fale baixo, mãe... É o seu ônibus...

MÃE - Desculpe qualquer coisa, filho. Você sabe que eu sempre quis o teu bem. Juízo, meu filho. Quem sabe a gente nem se veja mais, meu filho. A morte está próxima. O chiado continua.

MANUEL - Que é isso, mamãe... A senhora está cheia de vida... *(Vai empurrando a mãe para o ônibus)*

MÃE - *(Brandindo a passagem)* Esse lugar aí é meu!

Cena 14

TRAPO - Triste Fim do Trapo Quaresma. O gênio dos pinheirais desiste da eternidade, assume o fracasso e se joga de cabeça numa história de amor com final feliz. Viva Rosana! Nem tesão pra beber tenho mais. Nada mais daquela raiva acesa, daquele estopim curto. Começo a ter paciência. As pessoas não são tão filhas da puta assim. Me deu até vontade de rever meu pai. Aquela transa do filho pródigo. Reencontrar minha mãe. Olhem, não sou mais aquele porra-louca, sentei o rabo na vida. Vou me juntar com a Rosana. Chega de guerra.

Será que quebrou o ninho de porcelana e eu virei bosta?

Vou nanar, meu amor. Muitas saudades de você, um gostinho confuso na boca, prenúncio de euforia. Sensação boa, Rosana, uma puta sensação boa. Me diga: confirmou o atraso? Tomara que sim. Oh doce melancolia... a paz, aquela da Utopia, deve ser muito parecida com o que estou sentindo exatamente agora. Um beijo na boca do Trapo.

Cena 15

(O cenário, sombrio, é um portão de ferro negro, monumental, diante da casa da família de Rosana. O professor Manuel aproxima-se dele, conferindo o endereço num papel)

MANUEL - Será que é aqui?

TRAPO - *(Sentado no meio-fio enrola um cigarro de maconha)* É aí mesmo, professor Manuel. O fosso do castelo da minha amada. Bem aí eu matei três cadelas negras. Mesmo assim, não consegui a minha amada.

MANUEL - *(Faz o gesto de apertar o botão do interfone)*

TRAPO - Vai fundo, professor! Faça como eu: vá até o fim!

MANUEL - *(Aperta o botão e aguarda)*

TRAPO - *(Puxando assunto)* E a sua mãe?

MANUEL - Já levei à rodoviária. Ela está bem.

TRAPO - Mãe é mãe...

MANUEL - É isso aí: mãe é mãe... *(Riem)*

TRAPO - A solidão perturba você?

MANUEL - Não é a solidão que me perturba, Trapo. A solidão é condição inevitável. É a derrota que me perturba. Não há lugar no homem para a derrota. Acordar de repente e perceber que se perdeu, que absolutamente tudo ficou para trás, para nunca mais... Sou um homem suspenso, Trapo.

TRAPO - Mas você acredita em Deus?

MANUEL - Eu ainda tenho Deus. Mas sei que ele é muito pequeno para o tamanho do meu silêncio. É surpreendente, mas Deus não combina com a solidão. Ele gosta de companhia. Por que você se matou, Trapo?

TRAPO - Por nada. Mas se eu continuasse vivendo também seria por nada.

MANUEL - Você não respondeu. Você sabe do que eu estou falando.

TRAPO - Sei. Mas descubra você mesmo. *(Fazendo-se pregador)* Caríssimos fiéis: cada um de nós é totalmente intransferível! *(Ri. Percebe que o professor continua sério)* Está triste, professor?

MANUEL - Não exatamente, Trapo. Apreendi com você que há uma identidade esquisita entre melancolia e paz. Estou em paz.

TRAPO - O que eu sou, professor?

MANUEL - O que você foi, eu não sei. Agora você é o filho que eu não soube nem ser, nem ter.

TRAPO - Insista no interfone, professor. Eu sei que aqueles abutres estão lá. Não tenha medo, professor. Morda o pé deles até sangrar. Eles precisam disso pra vida fazer sentido. Morda, professor, sem medo!

MANUEL - *(Aperta o interfone. Finalmente ouve uma voz)*

VOZ - Sim?

MANUEL - Ahn... eu queria falar com o doutor Fontes, por favor.

VOZ - Ele não está. Quer deixar recado?

MANUEL - E a dona Isaura, está?

VOZ - *(Tempo. Voz insegura)* Quem quer falar com ela?

MANUEL - O professor Manuel. Ela está?

VOZ - É ela mesma. O que o senhor quer?

MANUEL - Ah, pois não. Boa tarde. Eu sou professor de Literatura e... *(pigarro)*

VOZ - O senhor está vendendo enciclopédia? O meu marido não está. O senhor pode passar outra hora?

MANUEL - Não, por favor, não se trata de venda. É... é que estou escrevendo um livro sobre o Paulo e...

VOZ - Quem?

MANUEL - O Paulo, aquele poeta... ahn... meio louco, que se assinava Trapo e... *(Silêncio)* Alô? A senhora não é a mãe da Rosana?

VOZ - *(Furiosa)* O que o senhor quer? A Rosana não está no Brasil. Não estou entendendo.

MANUEL - Eu explico. Trapo foi namorado da sua filha durante dois anos e escreveu muitas cartas e poemas para ela. Esse é o material que estou estudando. Sei que é um assunto delicadíssimo, doloroso, o menino se matou, uma coisa terrível, mas, a senhora compreende, como pesquisador... já tenho alguns dados, se a senhora tiver alguns textos dele por escrito, ou informações... Dona Isaura, por favor, eu prometo sigilo absoluto. Se for possível a senhora me dar um minuto de atenção, é claro, eu...

VOZ - O senhor me deixe o seu nome e endereço e... *(Grito histérico)* Fontes! Onde é que você vai!?

MANUEL - *(Ao Trapo)* Desligaram. Que aconteceu?

TRAPO - Cuidado, professor! *(Por entre as grades do portão um braço avança e agarra o professor - só é visível um vulto)*

VOZ - Quero lhe avisar, professor, que a próxima vez que o senhor vier à minha própria casa fazer ameaças à minha esposa, eu vou acionar os dispositivos legais para lhe pôr na cadeia! O senhor está ouvindo?

MANUEL - *(Tentando se livrar do braço)* Eu não estou entendendo, me solte, por favor...

VOZ - Sou o promotor Fontes, se lhe interessa saber.

MANUEL - Promotor, acho que houve um mal-entendido... Trata-se de um estudo literário. A sua senhora deve...

VOZ - A minha senhora está tendo uma crise de nervos, professor. É

inacreditável a sua petulância!

MANUEL - *(Quase estrangulado)* Desculpe, eu...

VOZ - Em nome de um suposto poeta que destruiu minha filha, o senhor vem profanar a minha residência? O senhor é muito estúpido. Este seu poeta estava prestes a ser colocado na cadeia por tráfico de cocaína. Se o senhor lesse uma só carta das muitas com que ele destruiu a minha filha, se o senhor visse o inferno em que ele transformou a minha casa... *(Gritos esganiçados de mulher: Pare com isso, Fontes! Volte aqui!)*...o senhor pensaria mil vezes antes de aparecer. Faça o que quiser com o seu artista, professor. Mas se envolver um só fiapo de cabelo da Rosana nesta história, eu vou lhe botar na cadeia! Não quero mais ouvir falar do senhor, está entendido? E nem desse vagabundo, celerado, cafajeste que... o senhor está ouvindo? *(Gemido esganiçado do professor. O braço larga o pescoço de Manuel e desaparece atrás das grades. A luz se concentra apenas do professor)*

MANUEL - *(Olha em torno, mas Trapo desapareceu)* Trapo?! *(Ajeita o paletó e passa a mão no pescoço dolorido)* Sozinho, de novo.

Cena 16

TRAPO - Grávida Rosana Rosálida, aquela que faz nascer! Estou arrepiado, meu amor! Um filho! Lá está no teu ventre uma coisa miúda sem forma e com todas as formas... eu te amo!

Do abismo, para a terra: a criança se faz.

Aviso: ser conciso!

Mas não gostei da tua letra cabeça-baixa, linha descendente no papel, corte do *t* fora do lugar. Meu Departamento de Grafologia indica depressão, medo, ansiedade. Nada disso, Rosana Marsupial!

Tranqüila, Rosana, tranqüila: fale com os velhos e explique: não estamos à venda. Abra o jogo e finque o pé. Se encherem demais o saco, a gente foge. E descanse, meu amor: esta vai ser a última carta, acabou a agonia. Já estou empacotando minha papelada. Pra me acalmar, vou puxar um fumo sossegado, barriga pra cima, olhando o teto e o céu, mergulhar no silêncio, de mãos dadas com o filho. aguardo ansioso telefonema. Estou na agência amanhã. Beijão, Rosânida!

Cena 17

(Sala do professor Manuel. Ele está sentado à mesa, pensativo, com uma caneta à mão. De tempos em tempos, olha para o retrato de Matilde na parede. Vai começar a escrever, mas sente-se vigiado pelo retrato.)

Num momento, ergue-se, tira o retrato da parede, coloca-o num canto e suspira, aliviado. Volta à mesa e começa a escrever. Há uma garrafa térmica diante dele)

MANUEL - *(Escrevendo)* Não é comum que batam à minha porta; vivo sozinho há quase quarenta anos. Depois de tanto tempo sozinho, a presença dos outros passa a ser um incômodo. Assim, foi com má vontade que desci do meu quarto para a sala, justamente quando pretendia reler meu Machado de Assis e... *(Interrompe, olha para cima, sonhador, sorridente. Murmura)* Que delícia escrever um romance... *(Volta ao texto)* ... e vejo diante de mim uma mulher que meu filtro mental - todos nós temos um filtro mental - que meu filtro mental imediatamente classificou de vulgar. Era Izolda. Mal sabia eu que... *(Interrompe, novamente. Abre uma gaveta e tira um cachimbo e uma lata de fumo. Prepara o cachimbo e o acende, com prazer visível. Olha a fumaça fazendo voltas no ar. Suspira. É um homem tranqüilamente feliz)*

IZOLDA - *(Chegando da rua, fecha a porta e leva um susto ao ver Manuel)* O que é isso, Manuel?! *(Sorriso intrigado)* Fumando? E fumando cachimbo?

MANUEL - Huhum. Quer um café?

IZOLDA - *(Aproxima-se dele, olhos em tudo, intrigadíssima)* E já começou o livro, Manuel?

MANUEL - Ainda há pouco. Já sei tudo de Trapo, Izolda. Encerrei minhas pesquisas.

IZOLDA - *(Agitada, feliz)* Espere eu tomar um café e acender um cigarro, Manuel. *(Não se cansa de olhar para ele)* Você... você está estranho, Manuel! Nunca te vi assim!

MANUEL - Mesmo? *(E ri a risada mais deliciosa dos últimos trinta anos. Izolda acaba acompanhando a risada, mas ainda não entende o que se passa)*

IZOLDA - *(Toma o café, acende o cigarro)* Mas me conte, Manuel. Você passou uns dez dias andando pela casa de um lado pra outro, feito alma penada... já estava me preocupando. Eu até achei que fosse aquela brincadeira de... *(testando)* ... de noivado que você inventou pra tua mãe...

MANUEL - *(Rindo)* Aquela foi boa, não foi?

IZOLDA - *(ri amarelo)* É, foi muito boa... ainda bem que eu entendi na hora... *(riem)* E agora te vejo todo faceiro, bonito... elegante, Manuel! Que cachimbo bacana! Você está... *posudo!* O que aconteceu?

MANUEL - Já disse: encerrei minhas pesquisas. Li todos os textos, falei com o pai do Trapo, com os amigos dele, com os pais da Rosana...

IZOLDA - Você falou com eles? Aquela família não presta, Manuel.

MANUEL - Nenhuma família presta, Izolda. Aprendi isso com o Trapo. São inevitáveis, mas não prestam.

IZOLDA - *(Rindo)* Manuel! Parece que o espírito do Trapo baixou em

você!

MANUEL - Bem, para completar, hoje de manhã dona Isaura esteve aqui.

IZOLDA - Quem?

MANUEL - Isaura. A mãe da Rosana. *(A cada momento o professor assume mais o papel do detetive, desatando passo a passo os nós de um caso de mistério)*

IZOLDA - Aquela bruaca? Na certa veio trazer a polícia. Você atendeu aquilo?

MANUEL - *(Nem ouve)* Você sabia, por exemplo, que a Rosana estava grávida?

IZOLDA - Grávida! Bem que eu falei pro Trapo, te cuida guri! Mas me conte... então...

MANUEL - Bem, Trapo morreu no domingo. Na quinta-feira ele ficou sabendo da gravidez, provavelmente de manhã. Escreveu sua última carta, empacotou suas obras completas, que você, num lance iluminado, recolheu antes de a polícia chegar.

IZOLDA - Ah, eu tenho intuição, Manuel. Ora se um guri de bosta daquele tinha condição de ser pai!? Tá explicado, Manuel. O menino não agüentou, entrou em pânico, se matou! *(Vê o professor fazendo "não" com a cabeça)* Não acredita? Pois conheço muito caso assim.

MANUEL - *(Posudo)* Ah, a lógica fácil dos amadores... *(Sopra a fumaça, sente prazer em vê-la subir vagarosa)* Com o Trapo foi diferente, Izolda. Ele ficou muito, mas muito feliz mesmo em saber que seria pai. Dia seguinte ele acertaria com a Rosana o encontro com a família, para se casar.

IZOLDA - Que ele queria casar, eu sei. Sempre fui contra.

MANUEL - Obviamente, a família da Rosana também foi contra, mas de uma forma mais violenta. Sexta-feira Rosana contou, muito provavelmente para a mãe, que estava grávida.

IZOLDA - Por que "provavelmente"? *(Desconfiada)* Manuel, você está inventando!

MANUEL - Ciência, Izolda, ciência! Ciência dedutiva! Bem, posso imaginar o horror que se seguiu. *(Daqui para diante o professor se delicia com a própria descrição dos acontecimentos, como um escritor se comprazendo com o ritmo e as palavras do próprio texto. Levanta-se da cadeira, representando o que diz)* Aquele belo rosto de menina, começando a nascer para o mundo, contando sua história, a alma aberta pela primeira vez... e posso até escrever o terror daquela mão em garra nos cabelos de Rosana, para matar, batendo no rosto, nos olhos, no queixo, num frenesi histórico... *(Tempo: o romancista contempla sua própria fala)*...de quem luta para esmagar a matéria, para sempre... até que a filha se transformasse numa pasta de sangue, com os olhos de vidro, no outro lado do abismo, espelhados no rosto da mãe...

IZOLDA - *(Envolvida por completo na descrição, para maior prazer do professor)* Rosana... Rosana morreu então?

MANUEL - *(Faz um gesto irritadiço, uma espécie de "não me*

interrompa! A voz lenta: ele está escrevendo) Isaura ergue a filha do chão, a pequena morta-viva, de olhos abertos... *(Tempo)* A mãe tem outra crise de nervos: urros e portas batidas - que nenhum empregado da casa se aproxime do horror!

IZOLDA - E depois?

MANUEL -E depois? *(Um sorriso discreto, fatalista, do detetive/escritor)* Ora, tudo se resolve, Izolda. Depois vem a calma, a burocracia da sobrevivência miúda, aquelas pequenas providências que nos deixam em pé... Telefonar ao marido, por exemplo. *(Interrompe a descrição para limpar o cachimbo)*

IZOLDA - Continue, Manuel.

MANUEL - O promotor Fontes, um homem prático e religioso, quer resolver logo aquele **outro** inferno. Ele chega, vê a filha ensangüentada no chão, vê a mãe, e decide: "Tem que tirar a criança!"

IZOLDA - E então...

MANUEL - Ora, as coisas seguem rápidas: telefonema ao médico, os cuidados de praxe, até uma certa alegria aliviada. Naquela mesma noite, arrasta o que sobrou da Rosana, aqueles olhos parados... para uma clínica limpa, segura, discreta. Bem, àquela altura, qualquer dor já estava seca e morta.

IZOLDA - *(Acendendo outro cigarro)* E então...

MANUEL - E então Isaura passou a noite junto com a filha, segurando sua mão... *(Pensativo, quase melancólico:)* É engraçado: a gente sempre tem a ilusão de que as coisas podem voltar a ser como antes... *(Tempo)* Mas não Rosana, é claro. Rosana decidiu - **decidiu** mesmo, tenho certeza - nunca mais voltar. O doutor Fontes também passou a noite em claro, tomando calmantes, lendo a Bíblia. O promotor é um homem muito religioso. *(Ironia conformada: ele não está mais em idade para consertar o mundo)* É até possível que tenha lido salmos em voz alta para as duas ovelhas... *(Sorriso)*

IZOLDA - Que sujeitinho filho da puta...

MANUEL - Eu não julgo, Izolda. O detetive apenas reúne evidências. Bem, então aconteceu o golpe final: Isaura saiu do quarto para providenciar o café, e na volta encontrou a filha com um estilete, retalhando o próprio corpo, os pulsos, o rosto, sem choro, Izolda, sem choro - assim, a frio... como quem tece uma rede...

IZOLDA - A coitada ficou louca, Manuel... e o Trapo, chegou a falar com ela?

MANUEL - Não naquele sábado. Se tentou, não conseguiu: telefone desligado, portão trancado. Deve ter passado o sábado bebendo, feliz da vida, um belo destino traçado... O Trapo era um idiota romântico. O último da terra inteira. Feliz porque ia ter um filho. Feliz porque ia casar. Feliz porque ia fugir, se não deixassem casar.

IZOLDA - Mas afinal o que aconteceu?

MANUEL - Bem, no domingo pela manhã, com certeza, Trapo foi até a casa da Rosana. O castelo da princesa... *(Descrição vívida, o triunfo)*

final do detetive) Posso até ver, Izolda, aquele menino batendo furioso no interfone, exigindo aos berros que o atendam, vendo um vulto de mulher na cortina lá adiante... e, depois, a sombra da Rosana abrindo a porta e a mãe tentando impedi-la, histérica... enquanto via o resto da filha se aproximar de Trapo com o rosto e os braços e o corpo remendado, com aqueles terríveis olhos de gelo, se aproximar de Trapo, avançar contra ele aos gritos e socos num último impulso de louca...

IZOLDA - Meu Deus... o que ela dizia?

MANUEL - Sabe-se lá o que ela disse a ele, o que contou ou confessou, unhas em garra... mas o que ela disse foi demoníaco o suficiente para que ele voltasse o quarto e se matasse, em linha reta. *(Volta lentamente para a mesa. Silêncio demorado)*

IZOLDA - Quer dizer que... *(o espanto vai cedendo lugar ao senso prático das pequenas realidades)* Espere aí, Manuel. Só tem uma coisa que não me entra na cabeça. Você quer *mesmo* que eu acredite que aquela bruxa da Isaura, que ela pessoalmente bateu naquela porta ali, entrou nessa sala, sentou aqui onde estou sentada, e contou pra você toda essa história maluca?

MANUEL - *(Sorriso divertido)* E por que não?

IZOLDA - Mas é *absurdo!*

MANUEL - Pode até ser absurdo. Mas faz sentido. É o que me basta.

IZOLDA - Mas Manuel, isso parece novela de rádio!

MANUEL - *(Reação furiosa; está ofendido)* E daí, sua burra! Você sabia que a novela foi inventada pelos gregos?

IZOLDA - *(Desarmada)* Gregos?! Que gregos?

MANUEL - Os gregos, ora! A diferença é que eles levavam a tragédia até o fim, sem remissão. Exatamente como o Trapo.

IZOLDA - *(Silêncio ofendido e constrangido. Acende outro cigarro, pensativa, sob o olhar já arrependido do professor.)*

MANUEL - Desculpe, Izolda. *(Tempo)* Izolda, que tal a gente festejar o início do livro do Trapo? Tem uma vodca novinha no congelador. Presente do Hélio. É das boas, de contrabando! Que tal?

IZOLDA - *(Finalmente sorri do jeito dele)* Boa idéia, Manuel. Preciso beber mesmo, e muito, pra botar de novo a cabeça no lugar. *(Levanta-se, dá dois passos, pára. Uma inesperada timidez.)* Manuel, hoje fazem quarenta dias...

MANUEL - *(Dedo em riste, mas carinhoso)* Faz, Izolda; faz quarenta dias!

IZOLDA - ... faz quarenta dias que nos conhecemos. *(Ele não responde, mas está feliz. Izolda se afasta, sob o olhar embevecido do professor, que liga a música. Ela volta com a bebida, eles brindam e dançam carinhosamente.)*

Cortina